

**LUIS ANTONIO BITTAR VENTURI**

**MEMORIAL**

**2012**

## ÍNDICE

Página

### PARTE I – MEMORIAL

APRESENTAÇÃO.....	1
<i>A escolha pela Geografia.....</i>	1
I - A FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	3
<i>Bacharelado em Geografia – Departamento de Geografia –     FFLCH – USP (1983-1986).....</i>	4
<i>Licenciatura em Geografia – Faculdade de Educação – USP     (1986 a 1995).....</i>	8
<i>Entre a Graduação e a Pós-Graduação: uma aventura.....</i>	9
<i>O Mestrado em Geografia Física.....</i>	10
<i>Entre o mestrado e o Doutorado: novos voos.....</i>	13
<i>O Doutorado em Geografia Física.....</i>	14
<i>Participação em Eventos.....</i>	19
II – DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS NA GRADUAÇÃO.....	20
III – DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS NA PÓS-GRADUAÇÃO.....	31
IV – ATIVIDADES DE PESQUISA.....	33
<i>Pós Doutorado.....</i>	38
<i>Publicações.....</i>	41
V – ATIVIDADES DE GESTÃO.....	45
VI – A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	52
<i>As extensões da Extensão.....</i>	54
REFLEXÕES FINAIS.....	56
PARTE II – CURRÍCULO.....	58

LUIS ANTONIO BITTAR VENTURI

Memorial circunstanciado apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito parcial para a inscrição no Concurso de Títulos e Provas visando a obtenção do título de Livre-Docente na área de Geografia dos Recursos Naturais.

São Paulo  
2012

## **PARTE I - MEMORIAL**

### **APRESENTAÇÃO**

Nós Geógrafos, que passamos boa parte de nossa vida acadêmica buscando a compreensão da realidade, deparamo-nos, em um determinado momento, diante da necessidade de situar-nos a nós mesmos no tempo e no espaço, narrando nossa trajetória em um memorial.

Conscientes de que os homens e os fatos somente são compreendidos em seu contexto e suas circunstâncias, a elaboração de um memorial representa mais do que uma narrativa descritiva; é, sobretudo, uma reflexão sobre nosso percurso margeado pelas circunstâncias que dão sentido às nossas decisões, conduzindo-nos a uma compreensão mais amadurecida sobre nós mesmos. Percursos e decisões que são, ora permeados por razões mais profissionais, ora comandadas por valores pessoais, ora respondendo às necessidades da vida prática, mas quase sempre orientados por uma ponderação destas dimensões, refletindo a complexidade do ser humano. Se um currículo valoriza aspectos estritamente profissionais, o memorial valoriza o profissional enquanto ser, incorporando nas entrelinhas até mesmo aspectos psicológicos acerca de seu potencial, segurança, dúvidas, coerência, perseverança, enfim, revestindo-se de um caráter autobiográfico. Sendo assim, creio que a fidedignidade das informações contidas no memorial consiste no principal critério de sua avaliação, pois qualquer que seja seu resultado, ele representará um indivíduo na sua diversidade consentida, preservando, contudo, um caráter pragmático.

#### ***A escolha pela Geografia***

Uma adolescência marcada por grande liberdade favoreceu-me a um tipo de vida movimentada por viagens de ônibus ou carona pelos litorais e interiores do País, atingindo distâncias cada vez maiores. Isto começou a despertar e fortalecer em mim uma curiosidade pelo mundo, pelas paisagens, lugares e seus povos, criando-se um contexto muito favorável para o estudo da Geografia. Um

contexto que tinha como cenário de fundo uma área rural em que a ausência de infraestrutura como luz elétrica, água encanada e telefone, impunha-nos um modo de vida imbricado pelos movimentos da natureza, e onde todas as atividades lúdicas tinham que ser inventadas. Foi nesse lugarejo que eu e minhas duas irmãs começamos a aprender a ler e escrever as letras e a compreender a vida, sob a batuta da mãe professora e o bastão do pai conservador. Esse lugar tornou-se, com o tempo, um município da Grande São Paulo, mas, mesmo que tivesse crescido um pouco, São Lourenço da Serra tornava-se cada vez menor para os novos voos que se ensaiavam. Precisávamos de mais espaço para o desenho de nossa existência.

No ano de 1980, concluí o antigo segundo grau numa escola estadual e sofri um duro golpe ao atrever-me a prestar o vestibular da Fuvest, deparando-me com tudo o que eu ainda tinha para aprender. Mas o gosto amargo da nescidade impulsionou-me para São Paulo. Em 1981, aos 17 anos, obtive a transferência do banco privado em que já trabalhava, para uma agência em Pinheiros. Com metade do meu salário eu pagava uma pensão do tipo “vagas para rapazes” na rua Cardeal Arcoverde, no mesmo bairro; com a outra metade eu pagava a mensalidade de um cursinho pré-vestibular que passei a frequentar à noite, tentando recuperar tudo o que já devia ter aprendido.

Após seis meses de cursinho, enfrentei a Fuvest novamente. A dúvida vocacional somada à certeza das dificuldades conduziram-me a tentar uma vaga no concorrido curso de Odontologia na Universidade de São Paulo, o que era quase impossível para um egresso da *EEPSG Porcino Rodrigues* de Itapeverica da Serra. Felizmente, foi um esforço em vão. No entanto, naquele mesmo ano do vestibular de 1981, em meio a meus esforços para atender as demandas externas, sobrava-me um fôlego e um pequeno espaço para dedicar às minhas próprias vontades. As aulas de Geografia do professor Edson do cursinho Etapa da rua Frei Caneca eram muito instigantes e reavivavam meus interesses trazidos da adolescência a ponto de eu, quase num ato de travessura, prestar Geografia na PUC de São Paulo, paralelamente à Fuvest. A reprovação na Odontologia na USP e a aprovação na Geografia na PUC foi o melhor resultado possível e determinaria o início da minha carreira estudantil universitária, aos 18 anos. A decisão pela Geografia fora uma decorrência natural; um ato de respeito aos

meus próprios interesses. Muito embora eu não tivesse uma consciência exata do que era esta ciência e, a despeito dos comentários e expressões interrogativas de amigos e familiares, já sabia, desde o início, que havia feito a escolha certa.

## **I - A FORMAÇÃO ACADÊMICA**

O primeiro ano da graduação na PUC-SP, em 1982, foi um ano de adaptações. A Geografia ensinada ali era muito diferente daquela do cursinho e, muito mais ainda, daquela do colégio. O curso básico do primeiro ano da PUC possibilitava-nos um rico convívio com alunos das mais diversas áreas, mas, por outro lado, poucas eram as aulas de Geografia e eu ainda mantinha uma idéia apenas tênue do que essa ciência poderia proporcionar enquanto formação acadêmica. Devido à cara mensalidade, eu complementava meus rendimentos de auxiliar de escritório com a fabricação e venda de perfumes naturais, um ofício que eu havia aprendido com uma de minhas irmãs. Até que um fato marcante aconteceria em julho daquele mesmo ano: minha participação no *V Encontro Nacional da AGB*, em Porto Alegre. Carregando uma caixa de perfumes, viajei de carona com um amigo até Porto Alegre. Lá, eu mergulhei, de fato, pela primeira vez no universo geográfico. Ao emergir desse mergulho, flutuei em águas mais calmas e comecei a avistar alguma terra firme onde pisar. Impressionei-me com o número de geógrafos que existia e passei a me sentir mais normal. Senti-me num mundo mais seletivo assistindo a palestra do professor Jacques Levy, traduzida simultaneamente pela professora Regina Sader, pois naquela época ele ainda não falava português. Comecei a compreender melhor as dimensões da Geografia, seu amplo temário que, paradoxalmente obscurecia seu objeto, suas dicotomias, mas também os limites e as possibilidades da profissão.

Foi nessa ocasião que conheci pessoas como Vanderli Custódio, atual professora do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP; Francisco de Assis Mendonça, atual professor da Universidade Federal do Paraná e vários outros atuais colegas de diferentes partes do Brasil.

No retorno a São Paulo, estava decidido a continuar estudando Geografia. Foi quando minhas atenções se voltaram pela terceira vez para a Fuvest, agora

para o alvo certo. Aprovado, nenhuma disciplina teve equivalência e comecei tudo novamente. A liberação da mensalidade da PUC encorajou-me a despedir-me do banco para ter mais tempo para estudar. A produção e venda dos perfumes passou a ser meu principal sustento.

***Bacharelado em Geografia – Departamento de Geografia – FFLCH – USP  
(1983-1986)***

Ingressei em 1983 no curso de bacharelado em Geografia da USP e, aos poucos, fui tomando consciência das principais questões que envolviam a ciência geográfica, que haviam sido esboçadas no ano anterior em Porto Alegre, como por exemplo: “o que é Geografia?” e “qual é o objeto da Geografia?” Essas questões acompanharam-nos em toda a graduação e, em certos momentos, eram desencorajadoras. Como a Geografia havia rompido anos antes com todos seus paradigmas anteriores, parecia que tudo estava se redefinindo. A dicotomia entre Geografia Humana e Física era nítida e marcante nos anos de 1980, tanto nos eventos como o de Porto Alegre, como em quase todas as disciplinas da grade curricular. Havia certa pressão para se fazer uma escolha, não raro sujeita a preconceitos e discriminações. Nesse início dos anos oitenta, já vivíamos um período de abertura política, mas a Geografia parecia persistir e alicerçar-se em posicionamentos quase que dogmáticos em favor da Geografia Crítica, fundamentada na Teoria Marxista. A crise política e econômica dos anos de 1980 ditava e até justificava um procedimento teórico-metodológico em que o modo de produção capitalista, suas contradições intrínsecas e sua oposição ao socialismo conduziam a análise geográfica. As referências teóricas advinham, portanto, de ciências vizinhas, como Sociologia e Economia Política. Sem dúvida, essas análises muito favoreceram ao amadurecimento político e crítico dos alunos. Porém, isso gerou uma lacuna em relação à compreensão da natureza e suas dinâmicas, a despeito dos esforços dos professores que ministravam as disciplinas da Geografia Física, confinada em alguns quadrantes da grade curricular. Foi só no final dos anos de 1980, com a eclosão da questão ambiental, que o resgate da natureza começa a ser notado no departamento de Geografia da USP.

Nos anos 1980, a reflexão metodológica confundia-se com posicionamento político-partidário e, como resultado, autores como Karl Popper entre outros clássicos da teoria da ciência passaram ao largo dessa década. Mas em meio a uma orientação predominante, surge uma via diferente. A disciplina de *Conservação dos Recursos Naturais*, ministrada pelo professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro em 1986, foi de uma ousadia espantosa, atravessando e reconfigurando os paradigmas de então. Nas aulas, ilustradas por telas de Velásquez, poemas de Cora Coralina, cantos indígenas e tudo o que poderia ilustrar a diversidade humana, o professor tentava nos mostrar que a realidade era muito mais rica e complexa para ser compreendida apenas pelo viés do modo de produção. Creio que, ao resistir a preconceitos e dogmas, pude aproveitar o que cada um dos mestres tinha a oferecer.

O professor Jurandyr Luciano Sanches Ross desvendava-nos a dinâmica da natureza e sua relação com o uso e ocupação do território; a professora Ana Fani Alessandri Carlos revelava-nos as contradições sociais e as funções urbanas; o professor Ariovaldo Umbelino Oliveira ensinava-nos a ouvir a voz dos fracos e a reprodução do capital no campo; o professor Paulo Nagashima ensinava-nos a andar sobre os solos e a sujar as mãos para descobrir sua estrutura e dinâmica; o professor José Bueno Conti conscientizava-nos da importância da Geografia Física e da integração de seus conteúdos; o professor Antonio Carlos Robert Moraes situava-nos na história do pensamento geográfico; a professora Maria Elena Ramos Simielli e Margarida Maria de Andrade supriam-nos de habilidade técnica na representação cartográfica dos fatos geográficos e suas significações; enquanto isso, o professor Mario De Biasi, em plantão, não baixava a guarda frente a nossas dúvidas. A professora Olga Cruz dava-nos a conhecer os processos exógenos responsáveis pela esculturação da superfície terrestre, enquanto a professora Amália Inês Geraiges de Lemos explicava-nos os movimentos populacionais por essa mesma superfície a qual, então, transformava-se em espaço geográfico. O professor Mario Eufrásio esforçava-se para despertar em nós algum interesse pelos fundamentos da Sociologia, enquanto um colega seu trazia-nos alguns preceitos da antropologia. Houve um professor da matemática que se incumbiu da difícil missão de tentar romper nossa resistência pela estatística (que vão esforço, naquela ocasião). Também não



entendíamos muito “em que lugar estava nosso espaço” nas aulas do professor Armando Correia da Silva, o qual nos trazia questões ontologicamente desafiadoras. A professora Rosely Pacheco revelava-nos um mundo novo visto de cima nos estágios de sensoriamento remoto. O professor Gil Sodero de Toledo tentava-nos fazer entrar no clima e sua dinâmica; a professora Iraci G. Vasconcelos Palheta revelava-nos os mistérios da floresta e do homem amazônico; o professor Wanderlei Messias da Costa esclarecia-nos as relações entre indústria, comércio e urbanização; a professora Magda Adelaide Lombardo mostrava-nos novas perspectivas de tecnologias e de trabalho do Geógrafo; o professor Perides trazia-nos a perspectiva regional dos fatos geográficos; o professor Manoel Seabra incitava-nos ao raciocínio crítico sobre desigualdades regionais; a professora Ana Maria Marques Camargo Marangoni ensinava-nos o complexo e rigoroso processo de pesquisa; o professor José Roberto Tarifa e sua então assistente, Sueli Ângelo Furlan, demandavam-nos a integração dos componentes bióticos e abióticos na compreensão da paisagem; a professora Maria Adélia Aparecida de Souza conduzia-nos ao debate crítico sobre o planejamento e a urbanização; a professora Regina Sader convidava-nos a discutir as migrações e os conflitos no campo; o professor Augusto Humberto Vairo Titarelli propunha-nos o exercício da análise integrada e da recomposição da fisiologia da paisagem, resgatando conteúdos aprendidos; o professor José William Vesentini, trazia-nos novas perspectivas de regionalização mundial, superando antigas leituras; o professor José R. Novaes Chiappin, da filosofia, ajudava-nos a atribuir significado lógico ao que fazíamos e a elaborar argumentos científicos. Não tive a oportunidade de estudar, na graduação, com o professor Milton Santos, nem com o professor Aziz Nacib Ab´Saber ou o professor Adilson Avansi de Abreu; ou Sandra Lencione, ou Francisco Capuano Scarlato, ou Rosa Esther Rossini; tampouco estudei com Lea Francesconi ou Lea Goldenstein, Amélia Damiani, Lylian Coltrinari, Odette Seabra, Regina Araújo de Almeida, Selma Simões, Claudette Junqueira, Marcelo Martinelli, nem com os professores José Pereira de Queiroz, Hanz Dieter e Armem Mamigonian. Porém, alguns desses professores fizeram parte de minha formação, pelo simples contato e possibilidade de conversas; mais tarde, alguns se tornariam meus colegas do

cotidiano acadêmico, cujo convívio se traduz hoje em um aprendizado permanente.

O período da graduação foi, de certa forma, tranquilo. As turmas eram pequenas e nos acompanhávamos do início ao fim do curso. A primeira metade da década de 1980 não trouxe muitos fatos marcantes no contexto nacional e mundial. Já não havia mais nem o movimento *hippie* de paz e amor, nem a ditadura militar nos moldes dos generais. Apenas uma nova doença surgia (AIDS) e começava a assustar a todos.

Porém, logo após o final da graduação, alguns fatos marcaram a segunda metade daquela década, entre eles a desintegração do bloco socialista, o massacre da Praça da Paz Celestial (China, 1989) e a emergência das questões ambientais (marcada simbolicamente pela morte de Chico Mendes, em 1988, e pela revelação mundial das queimadas amazônicas pelos satélites do INPE). Estes fatos trouxeram-nos uma sensação de desgaste dos paradigmas que até então dominavam a análise geográfica. Questões como a oposição maniqueísta entre capitalismo e socialismo pareciam perder força, enquanto outras demandavam-nos maior atenção. Nesses anos, convivi com Glória da Anunciação Alves, Vanderli Custódio, Wagner Costa Ribeiro, Fernanda Padovesi Fonseca e nem imaginávamos que nossos caminhos nos manteriam juntos por muito mais tempo ainda, cada um lendo a sua Geografia.

Enfim, a graduação terminara e, no amplo temário geográfico, eu pendia para as questões da Geografia Humana, talvez por uma pressão velada ou por algumas lacunas que se haviam criado no meio do percurso, como estudos hidrográficos, por exemplo, ou as geotecnologias que, embora já despontassem, enfrentavam resistência. Lembro-me que um dos primeiros computadores a surgir no Departamento de Geografia (na sala da profa. Maria Adélia de Souza, em 1985), era visitado e visto por nós como uma espécie de OVNI.

Depois de formado, alguns retornos espontâneos a certos cursos de graduação, como ouvinte, representaram tentativas de recuperar algumas perdas e eliminar algumas lacunas, o que alimentou um interesse cada vez maior pelas questões relacionadas à dinâmica da natureza. Este fato culminou no ingresso no mestrado na área de Geografia Física, embora com enfoque na gestão de áreas de preservação.

Permito-me incluir que, este período de graduação foi também pleno de atividades 'uspianas' envolvendo esportes e artes, com destaque para o Coralusp, onde participei como tenor por cinco anos. Eu buscava, com essas outras atividades, enriquecer minha vivência universitária e alcançar um equilíbrio entre o intelecto, a sensibilidade e a saúde física. O aperfeiçoamento musical culminou com o prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) em 1986 pelo concerto apresentado no Pátio do Colégio. Outros concertos, como o da execução da ópera *O Guarani* (de Carlos Gomes), da *IX Sinfonia de Beethoven* e de *Carmina Burana* (de Carl Orff), esta última no Teatro Municipal de São Paulo, foram momentos reverberantes. Além de compatíveis, essas atividades muito me auxiliaram na obtenção de uma correta impostação de voz e postura física, aspectos úteis ao exercício do magistério, sobretudo quando ministramos aulas para mais de cem alunos em uma mesma sala.

### ***Licenciatura em Geografia – Faculdade de Educação – USP (1986 a 1995)***

Inicialmente, a licenciatura não era uma área que me despertava muito interesse e havia um preconceito com as 'matérias da Educação' que tinham fama de serem chatas e trabalhosas. Além disso, a experiência em lecionar na periferia da Região Metropolitana de São Paulo, em 1986, sem qualquer preparo, em um ambiente totalmente adverso, subtraiu-me qualquer resquício de entusiasmo pela carreira docente, que só ressurgiu bem mais tarde, trabalhando com adultos, professores da rede pública. Uma segunda tentativa havia sido feita, em 1989, quando lecionei por um ano e meio em um colégio de classe alta, cuja política (aprovação x mensalidade) anulava minhas tentativas de me tornar um bom professor.

Assim, a Licenciatura em Geografia estendeu-se por mais tempo e, de alguma forma, eu queria que assim fosse, pois ela representava meu único vínculo com a Universidade nos períodos em que me afastei, entre a graduação e o mestrado e entre este e o doutorado; a Licenciatura representava para mim uma possibilidade de retorno à vida acadêmica. Nessa época, o professor Moacir Gadotti introduziu-nos à Pedagogia do Oprimido, mas foi a professora Nídia Nacib Pontushka quem representou uma retomada de consciência e conseguiu, pela

importância da prática fundamentada na teoria, manter vivas as questões do ensino da geografia. Ela foi responsável por redespertar em mim o interesse pelo ensino da Geografia, o que se reflete até hoje pelas visitas constantes a escolas da rede pública (que serão detalhadas no item 'Extensão Universitária').

### ***Entre a Graduação e a Pós-Graduação: uma aventura***

O final da graduação trouxe-me uma sensação de liberdade e vazio ao mesmo tempo. Havia acumulado certo conhecimento, mas não havia ainda me tornado um professor, nem um profissional em Geografia. Mas este vazio foi logo preenchido com o projeto de mais uma aventura, agora mais ousada, para a qual obtive apoio moral do professor Jurandyr Ross, a quem tenho como um referencial: em julho de 1987, com 23 anos, eu zarpava para a Europa em um gigantesco navio cargueiro da *Grimaldi Lines*, acompanhado de mais cinco passageiros, uma reduzida e simpática tripulação italiana e uma carga quase inacreditável de centenas de máquinas agrícolas e três mil automóveis Fiat produzidos em Betim (MG) com nossas gentis facilidades. Depois de quinze dias a bordo, eu e milhares de automóveis desembarcamos em Salerno, no sul da Itália. Minha ansiedade em conhecer o velho mundo impediu-me de esperar a chegada em Gênova, três dias depois, como os outros passageiros. Da Itália, segui para Paris, sem endereço definido, sem referências e quase sem dinheiro. Os poucos recursos que eu dispunha exauriram-se tão logo eu efetuei minha matrícula no *Cours de Langue et Civilisation Française*, da *Sorbonne*. Mas esse investimento rendeu-me um sólido domínio da língua francesa, o que viria a ser muito útil por toda a minha vida. Nos três primeiros meses enfrentei sérias dificuldades. Quase não podendo mais me manter naquela bela e caríssima cidade, dirigi-me ao *Monsieur Robichet*, então diretor do curso da *Sorbonne* e, após uma conversa franca e serena, ele decidiu reembolsar-me 70% do valor pago pelo curso, o que viabilizou minha estada por mais algum tempo. Logo em seguida, a obtenção de minha cidadania italiana junto ao *Consolato d'Itália a Parigi* facilitou-me a circulação e contratação em pequenos empregos. Naquela época, o desemprego estava muito alto entre os jovens da capital francesa, mas minhas chances aumentaram com um passaporte europeu em mãos. Assim, pude

manter-me trabalhando em salões de chá e fazendo alguns bicos em lojas de departamentos nos períodos entre aulas.

Terminado o semestre na *Sorbonne*, segui para Londres de onde uma de minhas irmãs acenava com possibilidades mais animadoras de trabalho e de aprendizado da língua inglesa. Trabalhei e estudei do primeiro ao último dia de minha estada de quatro meses na capital britânica. Assim, pude me manter em Londres e viajar para alguns países da Europa antes de retornar ao Brasil, trazendo na bagagem um domínio sólido de duas línguas estrangeiras. Além do francês e inglês, aprendi a desmistificar o chamado mundo desenvolvido, a compreender e valorizar mais o Brasil, os brasileiros, a minha família, meus amigos e meus mestres. Era aqui que eu queria canalizar todos os meus esforços.

### ***O Mestrado em Geografia Física***

Logo após o retorno da Europa, em abril de 1997, uma viagem ao Parque Nacional das Emas (no sudoeste goiano) com colegas da Biologia recolocou-me imediatamente no eixo da Geografia. Durante a estada no Parque, houve um incêndio de grandes proporções que destruiu mais de 50% daquela exuberante área de cerrado. Por toda a noite tentávamos em vão ajudar os funcionários a apagar o incêndio abafando-o com folhas. Não havia água e o único carro pipa de que se dispunha estava quebrado, de modo que o incêndio só se exauriu dias depois, quando o 'combustível' acabou. A paisagem era desoladora: áreas queimadas a perder de vista; animais mortos pelo caminho e um cheiro acinzentado de destruição. Este fato gerou-me uma forte sensação de indignação; refletiu a fragilidade da gestão do Parque e o descaso das autoridades que tardaram muito a enviar ajuda. As emoções vivenciadas naquela viagem transformaram-se em inquietações que se traduziram em um objetivo de pesquisa, tão logo retornei a São Paulo.

Em breves palavras, o projeto propunha-se a desvendar as razões que explicariam tais fragilidades das áreas protegidas, sobretudo as de um Parque como o de Emas que dispunha de uma direção comprometida, uma delimitação física precisa e até um plano de manejo. A hipótese inicial, que relacionava esta

fragilidade a uma eventual escassez de recursos financeiros mostrava-se um pouco óbvia e teve que ser substituída durante a pesquisa, como se verá adiante.

O projeto foi apresentado no processo seletivo de março de 1988, junto ao programa de Pós-Graduação em Geografia Física da USP. Tendo sido aprovado, a pesquisa iniciou-se em agosto de 1988 sob orientação do professor José Roberto Tarifa e o apoio financeiro da Capes aumentou meu comprometimento e atribuiu um significado mais profissional à pesquisa. As lembranças da Europa se esvaeciam aos poucos.

Nos dois primeiros anos, cumpri todos os créditos, mas devo afirmar que, pelas poucas disciplinas oferecidas naqueles semestres, não havia como optar ou construir uma linha teórico-metodológica. Contudo, pude contar com o apoio dos professores da casa. O professor Jurandyr Luciano Sanches Ross aprofundava e fortalecia as relações entre Geomorfologia e Planejamento em sua disciplina de pós-graduação. Paralelamente, o professor Adilson Avansi de Abreu alertava-me para a importância da fundamentação teórica da pesquisa e a profa. Ana Maria M. C. Marangoni orientava-me sobre as questões da gestão.

Naquela ocasião, o professor Ross aconselhou-me a abordar a área de estudo por meio de unidades de paisagem hierarquizadas, ou seja, contextualizando, inicialmente, a área de estudo no domínio dos cerrados e, em seguida, nos grandes chapadões do Brasil central. Esta forma de abordagem resultou na apresentação de um trabalho no *VII Simpósio Nacional de Geografia Física Aplicada* (Curitiba, 1987) e uma publicação na revista GEOSUL (edição especial de 1998).

Mais tarde, essa contextualização mostrou-se muito acertada, pois, ao estudar a dinâmica dos cerrados pela Teoria dos Refúgios e pelas publicações do professor Leopoldo Coutinho, do Instituto de Biociências, compreendi que os topos de chapadas eram as áreas mais típicas de cerrado, ou áreas *core* deste domínio. E como se tratava de uma unidade de conservação, sua contextualização em topo de chapada era uma decisão acertada. Em seguida, o Parque propriamente dito foi identificado como um geossistema, táxon imediatamente inferior àquele da chapada de Emas. Isto possibilitou a identificação de *inputs* de matéria e energia no sistema, na medida em que diversas nascentes dos principais rios estavam fora da área protegida, além do

fato de os limites do parque serem marcadamente contrastantes com o plantio de soja do entorno. A ausência de uma área tampão ajudava a compreender a fragilidade do Parque, complementando-se com as questões relacionadas à gestão. Assim, reuni dados sobre o Parque, sobre o SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), sobre o recém-criado IBAMA e sobre o domínio dos cerrados. Realizei também entrevistas com o diretor do Parque e com o superintendente do IBAMA do Estado de Goiás.

A pesquisa tomou um novo rumo e ganhou uma dose de estímulo com o credenciamento do professor Felisberto Cavalheiro (*in memoriam*) no programa de pós-graduação em Geografia Física. O interesse que ele demonstrou pelo meu projeto foi essencial para a conclusão do estudo. Após comum acordo, o professor José Roberto Tarifa aceitou passar minha orientação ao professor Felisberto Cavalheiro. A análise sistêmica continuou sendo a principal forma de abordagem, mas novas variáveis analíticas foram incorporadas, como o zoneamento interno que também poderia exercer alguma influência na fragilidade do Parque, além de favorecer a articulação de aspectos físicos e humanos, tornando a análise mais, digamos, geográfica.

A combinação de todas as variáveis geraria, na síntese, uma compreensão satisfatória daquela realidade. Uma das conclusões foi gerada pela negação da hipótese central que inicialmente relacionava a fragilidade das Unidades de Conservação ao baixo orçamento (que se constituía numa resposta aparentemente fácil e até meio óbvia, típica do iniciante em pesquisa que está mais preocupado em confirmar sua proposição do que com os procedimentos de pesquisa).

Mas após a primeira consulta aos documentos do IBAMA, verificou-se que o orçamento do Parque Nacional das Emas estava entre os maiores de todo o sistema de Unidades de Conservação. A entrevista com o superintendente do IBAMA de Goiás foi reveladora, pois mostrou que o orçamento não se realiza se não há suficiente pessoal capacitado para administrá-lo. Com três ou quatro funcionários, o PN-Emas deixava, por isso, de usufruir dos recursos que dispunha, revelando que os recursos humanos explicavam melhor a fragilidade do que os recursos financeiros. Além disso, o Parque necessitaria de um número muito maior de funcionários já que o cerrado constitui um contexto paisagístico

altamente dinâmico, com queimadas frequentes que exigem manejo permanente e construção de aceiros.

Dois anos após este período de plena produção, a pesquisa foi concluída, defendida em julho de 1993 e avaliada com nota 10, mais distinção. Devo ao professor Felisberto Cavalheiro, pelo interesse e orientação, a conclusão da pesquisa intitulada *Parque Nacional das Emas: gestão e degradação*, que representou um grande esforço teórico, metodológico e técnico, pelo qual pude conscientizar-me do rigor necessário para a produção de uma dissertação de mestrado.

Pude, enfim, vislumbrar a possibilidade de abraçar profissionalmente a Geografia. Mas outro intervalo ainda viria interpor-se neste processo.

### ***Entre o Mestrado e o Doutorado: novos voos***

O segundo período de afastamento temporário da academia iniciou-se após a conclusão do mestrado e durou cerca de três anos. Em 1992, a pesquisa estava em pleno período produtivo e as primeiras conclusões já se esboçavam. Mas a bolsa da Capes tinha se expirado no momento que eu mais precisava dela. O ideal seria um emprego em tempo parcial que não demandasse demasiado esforço físico nem mental. Então, inscrevi-me num concurso da companhia aérea *Air France*, cujo vínculo empregatício era de apenas 22 horas semanais. Aprovado (e neste caso o fato de ser geógrafo foi fundamental), passei a ter algum rendimento e pude concluir o mestrado no ano seguinte. Porém, após um ano de empresa, passávamos a gozar de benefícios como passagens internacionais gratuitas e descontos de 90% em passagens nacionais. Fui seduzido pelas pródigas possibilidades de viagens, o que reavivava aquele sonho de adolescente, agora com mais conforto. Comecei a fazer uma Geografia *in loco*, empírica, experimental, como nunca poderia ter imaginado. Pelas asas da *Air France*, o mundo se tornou meu campo. Incontáveis viagens à Europa e Oriente Médio permitiram-me resgatar minhas origens; conheci a numerosa família de meus avós maternos no Líbano; esforcei-me para aprender um pouco a língua árabe e fortalecer nossos laços. Conheci a terra de meus avós paternos, na Itália, tentando justificar um pouco o meu segundo passaporte.



Na intenção de manter um viés acadêmico a essas jornadas, eu tentava escrever artigos geográficos para as revistas de bordo, mas meus escritos traziam certo comprometimento com a realidade, o que não devia interessar muito aos turistas, cujos interesses tendem a focar mais as belezas da realidade, mesmo que maquiadas. Esgotavam-se minhas possibilidades físicas e financeiras e aquele nomadismo começava a perder o sentido. Aquela dissertação de mestrado, avaliada com 10, com distinção e a subsequente ausência da academia, pareceu-me como se eu tivesse, nas palavras de um analista, “matado um bebê bem nascido”.

Mas foi justamente numa dessas viagens, quando desembarquei em Recife, que se iniciou meu retorno definitivo à academia. Era julho de 1996 e, coincidentemente, acontecia naquela cidade o *X Encontro Nacional de Geógrafos*. Aquilo que seria uma semana de férias nada teve de relaxamento mental. Reencontrei colegas, além do professor Felisberto Cavalheiro que me cobrava um retorno. Assisti a mini-cursos e palestras envolvendo-me nas discussões; atualizei-me sobre os lançamentos, impressionando-me com o livro *Geografia do Brasil*, organizado pelo professor Jurandyr Ross. O reencontro não anunciado com amigos e professores foi determinante para o meu retorno à academia e culminou com meu ingresso no doutorado do programa de Geografia Física, poucos meses depois. Tão logo cheguei a São Paulo, comecei a elaborar um novo projeto de pesquisa para ingresso no doutorado e, ao começar a me envolver novamente com a vida acadêmica, fui perdendo, gradativamente, o interesse pela Air France. Os laços com a academia nunca foram cortados efetivamente, pois o vínculo com a Faculdade de Educação foi mantido e só iria terminar a Licenciatura em Geografia em 1996, um ano antes de ingressar no doutorado.

### ***O Doutorado em Geografia Física***

Quando retornei de Recife, já fazia um ano que eu havia transferido minha residência para Itapecerica da Serra e, aos poucos, fui me envolvendo com os problemas do município, sobretudo em relação à ocupação irregular e clandestina das áreas de mananciais. Li o Plano Diretor, a Lei Orgânica Municipal, os

anuários da Emplasa e as Leis Ambientais. Descobri que foi exatamente após a regulamentação da Lei de Proteção dos Mananciais (de 1976) que a população começou a crescer aceleradamente, contrariando as expectativas que se criavam em torno da Lei. A transformação desses fatos em um objetivo de pesquisa para o doutorado foi uma decorrência quase que natural.

A pesquisa estruturava-se com base em uma questão motriz que buscava desvendar quais seriam as razões explicativas da ocupação clandestina, irregular e acelerada da região, já que se dispunha de legislação específica que regulamentava a ocupação. O projeto foi aceito pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da USP e o professor Felisberto Cavalheiro, mais uma vez, acolheu-o com entusiasmo e interesse. Assim, o doutorado confirmou uma tendência científica: trabalhar na perspectiva da preservação incorporando aspectos do meio físico e do planejamento e ocupação. Este fato gerou, por vezes, alguns questionamentos como, por exemplo, se a pesquisa deveria estar enquadrada no programa de Geografia Humana ou de Geografia Física. Estes questionamentos não me inquietavam, mas, pelo contrário, faziam-me suspeitar que eu começava, justamente por isso, a alcançar uma abordagem geográfica, na forma como a concebia: incorporando aspectos físicos e humanos à análise dos fatos e situando-os no tempo e no espaço. De qualquer forma, apesar da ênfase na ocupação e nas políticas públicas, o trabalho seguia enquadrado no programa de Geografia Física. Desde o mestrado, o professor Felisberto Cavalheiro, o professor Jurandyr Ross e o professor Augusto Titarelli, por meio de suas disciplinas oferecidas ou apenas pelas conversas no cotidiano do departamento, ofereciam-me parâmetros para transitar entre questões dos âmbitos natural e social. Paralelamente, a disciplina *Planejamento Governamental*, ministrada pela professora Ana Maria Marangoni, ajustou-se completamente aos meus interesses de pesquisa. Todos os questionamentos acerca dos planos diretores, leis orgânicas e Estatuto das Cidades, amadureceram meus argumentos de pesquisa.

A tese referia-se às evidências explicativas da rápida ocupação das áreas de proteção de mananciais, caracterizada pela clandestinidade e irregularidade. As variáveis analíticas, que respondiam provisoriamente à tese na forma de hipóteses, referiam-se à gestão do poder público, à legislação e ao mercado imobiliário.

A consulta a registros do mercado imobiliário, por meio de entrevistas e de classificados de imóveis de jornais, mostrou que os preços dos imóveis começaram a cair vertiginosamente um ano após a regulamentação da Lei de Proteção aos Mananciais, em 1976. Ao que parecia, o caráter fortemente restritivo da Lei gerava um desinteresse pela região. Os baixos valores dos imóveis, associado à morosidade do poder público, sobretudo no que se refere à fiscalização e punição, criaram um terreno fértil para as ocupações clandestinas e irregulares, comandadas por especuladores. De certa forma, pôde-se concluir que se a Lei, por um lado, impediu que a economia formal se desenvolvesse na região, por outro, representou um forte estímulo para a ocupação informal. Uma forte evidência a este fato expressou-se na análise comparativa de dois dados: a população e a arrecadação de IPTU evoluíram de forma inversamente proporcional quando, em uma situação de regularidade e controle do poder público, deveriam evoluir de forma proporcional, caso não houvesse nenhum dado novo que pudesse subverter essa lógica, como alguma política de isenção de IPTU, por exemplo.

Posteriormente, um novo aspecto foi incorporado: a desvalorização imobiliária, um dos fatores favoráveis à ocupação clandestina e irregular, era também afetada pela criminalidade, que ajudava a compor o contexto de exclusão sócio-territorial. Esta nova informação foi obtida por ocasião da realização das entrevistas a agentes do mercado imobiliário, o que despertou minha atenção para estes fatos reconduzindo-me para novas fontes de dados e procedimentos técnicos na intenção de incorporar esta nova variável à análise. Consultas aos registros das delegacias de polícia de Itapeverica da Serra e de Osasco, além dos dados da Emplasa acerca da violência na RMSP, mostraram, de fato, um crescimento da criminalidade no município estudado. A sistematização destes dados e sua confrontação com aqueles referentes à desvalorização imobiliária mostrou uma forte correlação entre eles, enriquecendo a compreensão daquele contexto. A fragilidade ambiental foi incorporada à análise, não como um fator explicativo, mas como um aspecto agravante. A ocupação clandestina e irregular, associada a ambientes de grande fragilidade potencial caracterizados por altas declividades e concentração pluviométrica, gerou áreas de risco de forma generalizada em toda a região. O quadro de risco e exclusão social, associado à

criminalidade crescente, desvalorizou ainda mais os imóveis gerando um círculo vicioso. Novas intervenções, como a construção do rodoanel, duplicação de avenidas na região sul da RMSP e linha sul do metrô representavam mais um ciclo de forte pressão na ocupação dos mananciais.

O procedimento predominante da pesquisa foi, inicialmente, a abordagem hipotético-dedutiva de orientação pooperiana, associada à análise integrada, agora não mais sistêmica, mas apenas dinâmica, já que a maior parte das variáveis relaciona-se à gestão e não ao meio físico.

Meu envolvimento cada vez maior com o lugar acabou revestindo a pesquisa de doutorado de certo pragmatismo. Por exemplo, optei por usar o conceito de *território*, pois seria mais bem compreendido pelos agentes do poder público do que os conceitos de *espaço* e *paisagem*. Outra marca deste pragmatismo foi a constante publicação de textos na mídia impressa regional. Cada novo dado, cada conclusão parcial, cada ideia transformava-se em um artigo que era publicado quinzenalmente em um jornal regional, durante mais de três anos. Uma editora universitária interessou-se pelo material e publicou, em 2005, uma coletânea com 50 desses artigos (elencados na parte II deste memorial, referente ao currículo) intitulada *Retratos de um Município - Itapeverica da Serra* (São Paulo: Edifio, 2005). Esta publicação, embora pouco visível no meio acadêmico, talvez seja uma de minhas publicações de maior impacto (ainda que local) e de poder transformador, pois cada artigo provocava alguma reação e passavam a ser difundidos e utilizados nas escolas, exercendo influência também no âmbito da gestão pública local.

No meio acadêmico, a pesquisa gerou alguns frutos como participação em eventos e artigos em revistas especializadas. Entre os eventos nos quais foram apresentados resultados diretos ou indiretos da pesquisa foram: *SIMICH - Seminário Internacional Sobre Bacias Hidrográficas*. (Rosário, Argentina, 2001); *II Taller Científico Internacional sobre Manejo de Cuencas Hidrográficas* (Havana, Cuba, 2001); *50ª Reunião Anual da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência* (Natal, 1998) e *XI Encontro Nacional de Geógrafos* (Vitória da Conquista, 1998).

Entre os artigos publicados, além dos 50 artigos de jornal já referidos, figuram os seguintes: *O IPTU como indicador de irregularidade na ocupação dos*

*mananciais metropolitanos* (Revista GEOUSP, v.6. 1999); *La gestion de los recursos hidraulicos en el Estado de São Paulo - Brasil* (In: GEOCUENCA, 2001); *Planejamento Municipal X Planejamento e Uso do Território*. (SBPC, 1998, painel e resumo).

Alguns fatos me permitem afirmar sobre a ampla visibilidade que esta tese adquiriu, maior ainda do que eu poderia ter imaginado. Um destes fatos refere-se às consultas a ela. Desde que foi disponibilizada no portal de teses da USP, em dezembro de 2003, a tese já foi visitada por mais 6.416 leitores e foram feitos 3.881 *downloads*<sup>1</sup>.

A pesquisa do doutorado, ao contrário do que eu imaginava, fluiu de forma mais segura e profícua do que a do mestrado, inclusive pelo apoio financeiro do CNPQ. Adquiri autonomia de pesquisa por força do perfil de meu orientador, que era de poucas e decisivas conversas. Ele ainda, não raro, incumbia-me de tarefas desafiadoras, como para substituí-lo em palestras e conferências. Tudo isso se refletiu em uma maior segurança no momento da defesa da tese, em dezembro de 2001.

O doutorado parece marcar o fim da carreira de estudante (orientado) e o início da carreira de docente e, ao contrário da ideia de um cotidiano acadêmico mais tranquilo, novos encargos começam a aparecer. Havia uma necessidade, também apontada pelo MEC, que os coordenadores de cursos fossem titulados na área de atuação. Tão logo concluí o doutorado, fui nomeado coordenador do curso de Licenciatura e Bacharelado do *Unifieo* e, ao mesmo tempo, coordenador do Curso de Pós-graduação *lato sensu* da *Unisa*, o que será mais detalhado posteriormente no item "Atividades de Gestão".

Após a conclusão do doutorado, multiplicaram-se também as bancas de mestrado, doutorado, de seleção de professores, convites para participação de palestras e mesas redondas; diversificaram-se os convites para compor comissões científicas de eventos, comissões para julgamento de bolsas, projetos e artigos científicos, para alinhar convênios, para discutir grade curricular, enfim, abriu-se uma gama de novos encargos que compõem o cotidiano acadêmico.

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: <<http://www.teses.usp.br/disponiveis/8/8135/tde-15122003-155533/pt-br.php>>. Acesso em: 16 outubro 2011.

## ***Participação em Eventos***

Desde o primeiro ano do curso de Geografia (na PUC-SP) já comecei a participar de eventos científicos<sup>2</sup>. Os primeiros eram motivados mais pela curiosidade de saber em que mundo eu adentrava, pela viagem, pelos amigos e para aprender algo. Em geral, no período da graduação havia maior disponibilidade, porém, eram também maiores as restrições financeiras. Na pós-graduação, havia alguma disponibilidade (e necessidade acadêmica) e melhores possibilidades financeiras devido às bolsas de estudo. Atualmente, como professor pesquisador, a participação em eventos científicos é uma necessidade, independentemente de quais sejam as possibilidades. No entanto, há vários canais de apoio financeiro.

Ao reorganizar o currículo que compõe este memorial, surpreendi-me ao conscientizar-me de minha participação em mais de sessenta eventos, desde aquele de 1982 (V Encontro Nacional de Geógrafos) até o mais recente, em Londrina (outubro de 2011). Se em Porto Alegre eu procurava entender onde eu havia me inserido, em Londrina, fui convidado para fazer a Conferência de Abertura do evento. Apesar das diferentes formas de participação, cada evento representou uma etapa na minha carreira como geógrafo. E até hoje, cada evento se constitui em mais um capítulo desta história, ou melhor, desta geografia.

Cientificamente, a participação em eventos significa a legitimação de nossos trabalhos, na medida em que eles são postos à prova pela comunidade científica. E este é um requisito essencial para um trabalho adquirir o status de científico: sua divulgação e compartilhamento.

Atualmente, como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, há eventos em que sou convocado, como as reuniões da Capes, da Anpege e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP. De uma maneira geral, aumentou a necessidade de estarmos presentes nos eventos representando o programa.

---

<sup>2</sup> Os comprovantes e trabalhos apresentados encontram-se no currículo que acompanha este memorial.

## II – DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS NA GRADUAÇÃO

Tão logo ingressei no doutorado, em meados de 1997, obtive uma bolsa do CNPQ e desliguei-me da *Air France*. No final daquele do ano, enviei 40 currículos para Instituições de Ensino Superior, o que surtiu resultado quase que imediato. O MEC passava a exigir títulos dos docentes universitários e as instituições passaram a substituir parte de seu corpo docente para elevar o nível de titulação. Minha experiência como professor limitava-se a dois anos no ensino fundamental na época da graduação, nos anos de 1980, mas tinha em mãos um diploma de doutorado pela USP, o que era exatamente o que as instituições precisavam para atender às demandas do MEC. Em janeiro de 1998, fui contratado para início imediato em duas instituições: *Unisa* (Universidade de Santo Amaro) e *Unifieo* (Fundação Instituto de Ensino de Osasco). Assim, aos 33 anos, tornei-me um professor universitário e, desde o primeiro dia de aula, tive a certeza de que era aquilo que eu gostava e queria continuar fazendo para sempre. Minha vida, rapidamente, saiu das asas da aviação e entrou nos trilhos da educação. A certeza de que, finalmente, o trabalho e o estudo convergiam, complementavam-se e enriqueciam-se mutuamente, me fez sentir, pela primeira vez, completo.

Lecionei por mais de cinco anos nessas instituições, num percurso que se cruzou com os caminhos de antigos colegas da graduação (Glória Anunciação Alves, Iole Ilíade Lopes, Vanderli Custódio, Fernanda Padovesi, entre outros), que agora eram colegas de trabalho. Logo em seguida, fui chamado para lecionar e coordenar um curso em uma terceira instituição: a *FIB* (Faculdades Integradas do Butantã). No total, eu cheguei a lecionar em três instituições ao mesmo tempo, ministrando até sete diferentes disciplinas (os professores novos assumem o papel de *coringas*): desde Geomorfologia, Cartografia, Geografia do Brasil até Geografia Política. Outras instituições propuseram-me trabalho, como a Uniso (Universidade de Sorocaba) entre outras, mas eu já quase chegava ao meu limite. Além disso, o trabalho deveria complementar o doutorado sem atrapalhar o andamento da pesquisa. Para preparar as aulas, tive que voltar a estudar Geomorfologia, Hidrografia, Pedologia, Planejamento, entre outras disciplinas, e estes conhecimentos resgatados eram incorporados na pesquisa de Doutorado.

Os questionamentos acerca da ocupação das áreas de mananciais fariam mais sentido se o contexto físico-territorial fosse mais bem compreendido, de modo que as aulas que preparava forneciam subsídio constante para a pesquisa.

Essa inserção na Geografia acadêmica já era esperada, mas, confesso que não imaginava que ocorresse de forma tão abrupta e intensa. Em poucos meses eu tinha rompido com uma rotina de aeroporto e viagens, assumindo diversas turmas de várias disciplinas no ensino superior, além de cargos de coordenação e uma pesquisa de doutorado. Novos ambientes de trabalho, novas preocupações, novos amigos, pronunciamentos em público, viagens de campo, eventos, enfim, o universo acadêmico envolveu-me completamente. Apesar das adaptações iniciais, fui tomado por uma definitiva clareza profissional reforçada pela certeza de que lecionar me realizava em todos os níveis. Tudo acontecera no seu devido tempo: aquele necessário para o amadurecimento pessoal e profissional.

As viagens continuaram, agora por meio de congressos nacionais e internacionais, bancas, projetos, além de algumas passagens da *Air France* que sobravam na minha gaveta, ainda no prazo de validade.

Essa dinâmica começou a mudar com minha aprovação em 2001, em processo seletivo da Universidade de São Paulo, para lecionar no Departamento de Geografia da USP. Era um contrato provisório, com carga horária de 12 horas semanais (RTP, Regime de Tempo Parcial) para substituição temporária do professor Adilson Avansi de Abreu que exercia o cargo de Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária. Mesmo ainda permanecendo em outras instituições, o que o contrato permitia, comecei a conscientizar-me da importância da pesquisa e da extensão, juntamente com o ensino, na estruturação de uma universidade.

O contrato com a USP terminou em dezembro de 2001, concomitantemente à minha defesa de doutorado, mas foi renovado por mais um semestre. Contudo, o primeiro semestre de 2002 foi marcado por uma longa greve e eu praticamente não lecionei. Em julho, o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, então chefe do Departamento de Geografia, pediu-me que permanecesse, mesmo sem contrato, para terminar o semestre que se estendia. Assim, lecionei durante um semestre na USP, sem contrato e sem salário, apenas com a empolgação. Aquele ano foi marcado também por participação em dois congressos internacionais (Cuba e Argentina) e por uma grande experiência na



extensão universitária. Fui convidado pelo programa *Universidade Solidária* a participar de um projeto, o qual será mais detalhado no capítulo sobre extensão universitária deste documento, e cujo relatório acompanha os documentos comprobatórios.

No final de 2002, fui aprovado em mais um processo seletivo, para continuar substituindo o professor Adilson Avansi de Abreu que se mantinha na Pró-Reitoria. Os longos percursos pela Região Metropolitana de São Paulo continuavam: Itapeverica da Serra, Santo Amaro, Osasco, Butantã eram lugares que compunham meu itinerário profissional.

Quando, enfim, fui aprovado em novo processo seletivo em regime RDIDP, em 2003, minha carreira mudou completamente de forma e de rumo. Ao desligar-me daquelas outras instituições, o estudo permanente incorporou-se no meu cotidiano de trabalho. Na *Unisa* e no *Unifieo*, aprendi a planejar disciplinas, a lecionar, a coordenar, a organizar eventos e trabalhos de campo, a lidar com diversidade étnica, sócio-econômica e etária. Aperfeiçoei também a oratória nas diversas ocasiões em que era homenageado pelos alunos nas formaturas. A pesquisa, entretanto, não representava uma dimensão muito forte nessas instituições; era o ensino estava na linha de frente, nas trincheiras das batalhas pela educação. Os alunos, quase todos já lecionando nas mais longínquas periferias, faziam, de alguma forma, o ensino público funcionar; traziam suas experiências para a sala de aula; desdobravam e readaptavam minhas aulas nas suas respectivas escolas. As minhas aulas tinham que ser permanentemente reconstruídas e readaptadas; os textos reescritos, as estratégias repensadas, de forma que eu pudesse obter algum resultado em meio às diversidades e adversidades ali encontradas e justificar a inclusão daqueles alunos no ensino universitário. Foi um período de grande produção de material didático dos quais, boa parte, encontra-se nos documentos relacionados à produção bibliográfica (parte curricular deste memorial, em “Outras produções”).

Depois dessas experiências, lecionar exclusivamente no Departamento de Geografia da USP, que a princípio seria um desafio, revelou-se um trabalho mais fácil, apesar de intelectualmente muito mais intenso. A forte seleção dos alunos, que de certa forma é excludente, facilita o processo pedagógico: a mesma aula preparada serve para todos os alunos da mesma turma, com poucas diferenças

de rendimento. Oferecer mais de uma disciplina no mesmo semestre também não se constituía em um problema e eu compartilhava essa ideia com colegas que também tinham tido experiência no ensino superior privado.

Desde 2001, lecionei no Departamento de Geografia da USP oito disciplinas para mais de 1300 alunos, o que dá uma média de 130 alunos por ano, apenas na graduação. Considerando que entre 2001 e 2003 eu lecionava também em outras duas instituições, o número de disciplinas e de alunos de graduação é, na verdade, bem maior. E o número total de participação em bancas de trabalho final de graduação ultrapassa quarenta.

As disciplinas que sistematizei e ofereci nestes anos podem ser divididas em 3 tipos: o primeiro refere-se às disciplinas de apoio, como *Iniciação à Pesquisa em Geografia I e II*, *Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia*, *Trabalho de Graduação Individual I e II* e *Teoria e Método II*. São disciplinas que, em princípio, podem ser oferecidas por qualquer professor. O segundo tipo refere-se a uma disciplina específica, a *Geomorfologia*, que exige do professor um domínio consistente sobre o tema, conceitos, teorias norteadoras e técnicas de pesquisa; o terceiro tipo refere-se a uma disciplina integradora que articula conhecimentos amplos de diversas áreas da geografia. Refiro-me à *Geografia dos Recursos Naturais*.

As disciplinas de apoio foram concebidas da seguinte maneira: em *Iniciação à Pesquisa I*, o objetivo maior é que o aluno termine o semestre com uma problemática de pesquisa bem definida e formulada. Assim, o programa do curso centra-se no primeiro pilar da pesquisa: o objetivo. O plano de aulas da disciplina contempla todos os aspectos que envolvem a formulação de um objetivo de pesquisa, como sua particularidade, a qual, pela sua representatividade de um todo analítico, adquire universalidade. Sua contextualização necessária, suas justificativas social e científica no contexto da Geografia, sua viabilidade em relação à abrangência, a existência de dados, distância, custos, tempo, enfim, mostrando que há diversos aspectos a serem considerados, além da clareza do enunciado. Para subsidiar esta disciplina, escrevi o artigo *Oh dúvida cruel: um ensaio acerca da problematização da pesquisa*<sup>3</sup> que foi publicado mais tarde pela editora Humanitas e incorporado à

---

<sup>3</sup> In: VENTURI, L.A.B. *Ensaio Geográficos*. São Paulo: Humanitas, 2008.

bibliografia. Nos anos em que havia maior demanda por estas disciplinas e formavam-se até seis turmas, os professores responsáveis reuniam-se para elaborar uma ementa comum, como foi feito em conjunto com a professora Glória da Anunciação Alves e Léa Francesconi, quando elaboramos um plano de aulas comum.

A disciplina *Iniciação à Pesquisa II*, por sua vez, centrava-se no segundo pilar do projeto: o método. Como encaminhar cientificamente aquele objetivo que havia sido elaborado na *Iniciação à Pesquisa I* constituía a principal questão. A diferenciação entre método e técnica, estando o primeiro relacionado à organização do raciocínio e a segunda, à obtenção e sistematização de dados que fornecerão os lastros da realidade empírica na sustentação do argumento, demandava boa parte do programa. Nestas duas iniciações a bibliografia era mais básica, incluindo-se até mesmo alguns manuais e livros de metodologia de pesquisa de autores como Lino Rampazzo (*Metodologia Científica para alunos de graduação e pós-graduação*. Ed. Loyola, 2004), Eva Maria Lakatos (*Metodologia Científica*), além de alguns autores clássicos como Ernst Nagel. Oferecia também alguma bibliografia estrangeira, como *Initiation à la recherche en Géographie* (de H. Gumuchian e C. Marois, publicado pela Presse Universitaire de Montréal, 2000), além de alguns neopositivistas como o argentino Mario Bunge (*La Ciencia, su Método, su Filosofía*, Ed. Siglo Veinte, 1974).

A disciplina *Teoria e Método II*, por sua vez, aprofundava aspectos relacionados à fundamentação teórica e orientação metodológica. Questões como o papel da teoria, seus componentes, suas características, sua adequação ao objeto de estudo e à problemática enfocada compunham o programa de aulas. A bibliografia começava a incluir autores como Gilles-Gaston Granger (*A Ciência e as Ciências*, Ed. Unesp, 1994), Karl Popper (*A Lógica da Pesquisa Científica*, Ed. Cultrix, 2007), Pierre George (*Os métodos da Geografia* (Ed. Difel), Horácio Capel (*Filosofia e Ciência en la Geografía*, Ed. Barcanova, 1981), além de leituras mais panorâmicas, embora densas sobre a estrutura do conhecimento como Urbano Zilles (*Teoria do Conhecimento*, EDIPUCRS, 2033), ou mais clássicos como Johannes Hessen (*Teoria do Conhecimento*, Ed. Martins Fontes, 2003). Paralelamente, uma vasta bibliografia de teorias da Geografia era disponibilizada,

de modo a atender as necessidades dos alunos que, nestas alturas, muitos já estavam na fase de fundamentação teórica de seus projetos.

Ressalto que a oferta da disciplina *Teoria e Método II* foi uma demanda por mim formulada por ocasião das discussões acerca da grade curricular, em 2006. Naquela ocasião, eu apresentara uma lista de mais de dez teorias da Geografia Física que, a meu ver, deveriam ser incluídas no plano de aulas desta disciplina. Assim, a comissão de graduação pediu que eu ministrasse *Teoria e Método II* no primeiro semestre de 2008 e mais de 160 alunos se inscreveram na disciplina. Este fato tornou aquele semestre um dos mais desafiadores para mim, não apenas pelo fato de a disciplina estar sendo oferecida pela primeira vez por mim, mas também porque, neste estágio, os alunos são quase como nossos orientandos, requisitando-nos leituras constantes de seus escritos e formulações.

Nas disciplinas de TGI I e II, caso os alunos já tivessem cursado as *Iniciações I e II* e *Teoria e Método II*, a bibliografia voltava-se mais especificamente para as temáticas trabalhadas por eles. Caso ainda não tivessem passado pelas minhas disciplinas, algumas leituras básicas eram exigidas. O fato é que as situações ideais em que os alunos teriam planejado seus percursos desde a Iniciação à Pesquisa I até o TGI II raramente ocorriam. O projeto de Iniciação I quase nunca é retomado em Iniciação II, seja porque o aluno mudou de interesse (ou mesmo porque não cursou a Iniciação II, que é optativa), seja porque o intervalo entre Iniciação I e II foi muito grande. Assim, comecei a mesclar os conteúdos de Iniciação I e II e, de acordo com as características da turma, adaptava os conteúdos. Por exemplo, se muitos alunos de uma turma de Iniciação II não dispunham de um objetivo de pesquisa formulado, esta questão, normalmente trabalhada em Iniciação I, ganhava espaço no programa de aulas. Enfim, devido às inúmeras combinações de alunos em diferentes níveis de pesquisa, havia a necessidade de fazer constantes adaptações no programa dessas disciplinas. Este fato levou-me a elaborar um material que mescla todos estes conteúdos. O texto *“Debutantes Dubitantes – guia prático e emergencial para aqueles que estão às voltas com projetos de pesquisa científica”* (ver currículo) acabou tornando-se um balizador destes conteúdos capaz de atender alunos em diversos estágios de pesquisa. Surtiu também um efeito complementar: como foi muito compartilhado entre os alunos, o *Debutantes*

*Dubitantes* acabou trazendo de volta diversos alunos sumidos que se encontravam atrapalhados com seus TGIs II.

Algumas questões que eram frequentemente trabalhadas nestas disciplinas de apoio, como o papel da quantificação, a função do uso da técnica, o dimensionamento da paisagem, entre outras, foram todas sistematizadas e reunidas no livro *Ensaio Geográficos* (Ed. Humanitas, 2008) que passou a fazer parte da bibliografia destas disciplinas.

Em 2003, a disciplina *Técnicas de Campo e Laboratório* foi atribuída a mim e ao professor Jurandyr Ross; deveríamos ministrar a disciplina juntos, na mesma sala. Ao discutirmos o programa de aulas, chegamos a um impasse: montaríamos o programa baseado nas técnicas que tínhamos mais domínio, no caso, de Geomorfologia, ou incluiríamos outras técnicas de outras áreas. A primeira opção certamente nos seria mais confortável, mas ofereceria aos alunos um conhecimento mais restrito. A segunda opção nos daria muito mais trabalho, pois deveríamos resgatar conhecimentos técnicos de outras áreas, algumas das quais já não tínhamos o domínio necessário para poder ensiná-las. Mesmo assim, optamos pela versão mais abrangente e trabalhosa, pois percebemos que poderíamos contar com a ajuda dos colegas. De fato, esta formatação da disciplina a enriqueceu muito, pois a cada semana, recebíamos um colega para expor as técnicas de campo e laboratório de sua área, além do manuseio de instrumentos e visitas a laboratórios. Esta interdisciplinaridade refletiu-se inclusive no trabalho de campo, realizado sob orientação de três professores (Jurandyr Ross, Francisco Scarlato, além de mim). No ano seguinte, voltei a oferecer a disciplina, agora sozinho, mas adotei a mesma dinâmica interdisciplinar. Ousei pedir aos professores convidados um plano de aula já com algum conteúdo que seria trabalhado. Ao final do semestre, percebi que tinha em mãos um rico material que poderia ser transformado em uma apostila de campo e laboratório. Ao expor a ideia para os colegas que haviam contribuído com a disciplina, concluímos que poderíamos ir mais além, elaborando um livro. Assim, organizei o livro *Praticando Geografia – técnicas de campo e laboratório* (Ed. Oficina de Textos, 2005) que contava com 16 capítulos escritos por mais de 20 autores. O livro foi uma decorrência natural de um trabalho em conjunto em torno da

disciplina, expressando e concretizando o espírito colaborativo do Departamento de Geografia.

No ano da publicação do livro, eu já havia ingressado em regime RDIDP na área de Recursos Naturais. Pensava, então, que poderia começar a me dedicar mais a esta área, pois o livro permitia que qualquer professor pudesse assumir a disciplina. Mas eu não sabia o quanto o meu nome iria aderir ao título de um livro, de modo que meus pares passaram a identificar-me cada vez mais com a temática das Técnicas de Campo e Laboratório. Mesmo assim, comecei a oferecer a disciplina *Geografia dos Recursos Naturais*, a partir de 2005.

Antes, porém, ainda havia a disciplina *Geomorfologia I*, que eu dividia com o professor Jurandyr Ross. Nós dois tínhamos que dar conta de quatro turmas, algumas delas bastante numerosas. Em 2004, cheguei a ter 136 alunos em uma mesma sala, vários dos quais eram alunos do Instituto de Geociências. O professor Jurandyr Ross e eu fazíamos sempre trabalhos de campo conjuntos, que assumiam uma dimensão meio épica, com dois ônibus grandes e uma perua, ao mesmo tempo, em viagem de dois ou três dias pelos interiores e litorais do Estado de São Paulo. Ao final do semestre, depois da avaliação dos relatórios de campo, dos trabalhos e exercícios e da prova final, estávamos exauridos, mas convencidos do valor do nosso trabalho. O domínio dos conceitos e processos geomorfológicos fornece importante base de conhecimento para qualquer análise geográfica do território, enriquece o vocabulário dos alunos, fortalece-lhes a visão integradora entre aspectos físicos e sociais. Nesta época, escrevi, juntamente com mais seis alunos, o artigo denominado *Os diferentes significados do relevo no ensino da Geomorfologia*, o qual foi ilustrado por três grandes painéis (que estão no acervo do Laboratório de Geomorfologia). O trabalho foi apresentado no *V Simpósio Nacional de Geomorfologia e I Encontro Sul-Americano de Geomorfologia*. Santa Maria – RS (02 a 07/08/2004) e, posteriormente, incorporado na coletânea *Ensaio Geográficos*.

A disciplina *Geografia dos Recursos Naturais* foi oferecida, pela primeira vez, em 2005. Eu e o professor Wagner Costa Ribeiro, que também ministrava a disciplina, acordamos que manteríamos dois enfoques diferentes: ele, mais geopolítico, eu, mais ambiental. Isto representaria um enriquecimento da grade curricular e significaria mais escolhas para os alunos. Ao preparar o plano da

disciplina, no entanto, deparei-me com escassa bibliografia conceitual acerca dos recursos naturais. Os recursos naturais, ora eram tratados como dados econômicos, ora como elementos da natureza. Não havia uma conceituação geográfica que contemplasse os aspectos naturais, responsáveis pela existência e ocorrência dos recursos e, ao mesmo tempo, os aspectos socioeconômicos que contemplassem a dimensão da exploração e uso. Outras vezes, os recursos eram mencionados como riquezas naturais, o que também não seria adequado, já esta expressão relaciona o recurso à riqueza, o que nem sempre ocorre, ou ainda, o que muitas vezes não ocorre. Desta forma, boa parte da programação inicial da disciplina foi dedicada à discussão conceitual e à elaboração conjunta de uma definição geográfica de recurso natural. Outra limitação que tínhamos que superar era a classificação dual e extremamente simples de recursos naturais entre *renováveis* e *não renováveis*. Havia muitas variantes desta divisão dual, por exemplo: alguns recursos tidos como renováveis (como cana-de-açúcar) não poderiam sê-lo, pois dependem de outro que não é renovável, na maior parte dos casos, como os solos. A divisão entre recursos renováveis e reprodutíveis foi incorporada e autores como O. Godard, P. F. Vieira e J. Weber foram incorporados na bibliografia, sobretudo na obra conjunta *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. (Ed. Cortez, 2002). O conceito de *valor local*, que explica o engessamento geográfico de determinados recursos naturais, como areia e brita, foi trazido de G. Brown (*Os recursos físicos da Terra*. Editora da UNICAMP, 1994) e incorporado à bibliografia e ao plano de aulas. Este conceito ajudava a explicar a grande concentração da atividade mineradora no entorno de São Paulo, discussão esta que se materializou no artigo *Água e Matéria Bruta: apropriação e uso dos recursos naturais na interface urbano-rural da região metropolitana de São Paulo (RMSP)*, apresentado em 2005, em São Paulo, no *Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada*; este artigo também foi incorporado à coletânea *Ensaio Geográficos*.

Os trabalhos de campo da disciplina *Geografia dos Recursos Naturais* envolviam desde empreendimentos simples, como antigas mineradoras de caulim na RMSP que tentam se adaptar à legislação ambiental, até grandes empreendimentos como a mineração a céu aberto de minério de ferro da Cia.

Vale do Rio Doce, em Itabira (MG); as grandes siderúrgicas do Vale do Aço como Acesita e Usiminas; a CENIBRA, indústria nipo-brasileira de celulose e papel, também em Minas Gerais; a usina sucroalcooleira COSAN e a barragem da AES-Eletropaulo no rio Tietê, em Barra Bonita, no interior de São Paulo. A RECAP, Refinaria Capuava da Petrobras, em Mauá, também estava no itinerário dos trabalhos de campo. Tentava-se, desta forma, abranger uma grande variedade de recursos naturais, suas diferentes formas de apropriação e as diversas decorrências socioeconômicas e ambientais. Propunha-se a superação de uma visão maniqueísta ou tendenciosa voltada apenas para os impactos negativos; trabalhamos com, pelo menos, treze variações do conceito de impacto<sup>4</sup> e que podem estar ligados, ora ao momento da exploração do recurso, da apropriação, ora do próprio uso e suas decorrências. Assim, os alunos eram demandados a pensar em todas as possibilidades de impactos sociais, ambientais, positivos, negativos, permanentes, reversíveis, cíclicos, locais, regionais etc, para cada tipo de apropriação e uso de recurso natural.

A cada campo ocorriam novas confrontações entre conceito e realidade empírica, de modo que, ao retornarmos à sala de aula, discutíamos as questões que haviam sido suscitadas em campo e que requeriam eventuais ajustes conceituais, como por exemplo: a partir de que grau de transformação um recurso deixa de ser natural e passa a ser produzido? Ou seja: quais os limites da definição de recurso natural? Quais as formas de apropriação indireta de recursos naturais imateriais? A renovabilidade de um recurso depende mais de suas características naturais ou da forma com que é apropriado e gerido, tomando como exemplo os solos agricultáveis? Após dois anos em que a disciplina foi oferecida, estas discussões foram sistematizadas no artigo *Recurso Natural: a construção de um conceito* (Revista GEOUSP, 20, 2006).

Como deve ter ficado claro, minha produção está sempre vinculada a uma disciplina a qual, após dois ou três anos de oferecimento, resulta em uma publicação de apoio que sistematiza os conhecimentos propostos e discutidos no programa de aulas. Quase que invariavelmente, minhas publicações voltam-se mais para os alunos e têm forte caráter pedagógico, buscando atender lacunas e a produzir material didático de apoio às disciplinas. Muitos textos foram escritos

---

<sup>4</sup> Com base em CECA (Centro de Cadastros Ambientais – RJ), deliberação n.1.078 de 25/06/1987.



para apoiar os cursos oferecidos, desde a época em que lecionava nas instituições particulares (no currículo, ver '*Outras Produções*'). Atualmente, está em curso a elaboração de material de apoio à disciplina *Geografia dos Recursos Naturais*, como será mostrado no item 'Projetos Editoriais em Andamento'.

De uma forma geral, as respostas dos alunos às minhas aulas são muito positivas. Eles costumam favorecer-me nas avaliações que realizam, manifestam-se verbalmente e por escrito (item VII.3 do currículo) e procuram minhas disciplinas em grande número. Mesmo as disciplinas optativas costumam contar com numerosas turmas. O principal procedimento metodológico adotado em aula também advém da experiência da pesquisa: consiste na valorização e incorporação à análise de aspectos sociais e naturais, seja qual for o tema abordado, de forma a fortalecer a perspectiva geográfica. Em todas as disciplinas, busco também um equilíbrio entre teoria e realidade empírica, como principal caminho na construção do conhecimento científico. A Geografia, enquanto ciência factual que tem a realidade como objeto de estudo demanda muito trabalho de campo na medida em que os fatos estudados, resultantes das dimensões social e natural, não podem ser reproduzidos no âmbito acadêmico e, limitar-se a isso, seria comprometer sua compreensão.

Assim, o campo, articulado ao domínio conceitual, é sempre fundamental na dinâmica acadêmica e pedagógica. Ao longo desses anos de docência, cerca de quarenta trabalhos de campo foram por mim organizados e conduzidos. Na USP, as disciplinas de *Geomorfologia*, *Técnicas de Campo e Laboratório* e *Geografia dos Recursos Naturais* são marcadas por intensa atividade em campo, ainda que as turmas, por vezes, ultrapassem o número de cem alunos.

Após a contratação de novos professores (como a professora Bianca Carvalho Vieira) fui, de certo modo, liberado da *Geomorfologia I*, podendo concentrar-me mais na área de *Geografia dos Recursos Naturais*, além das disciplinas de apoio.

Em relação à orientação de trabalhos de graduação individual, ao longo destes anos de docência, participei da conclusão de curso de 45 alunos, dos quais 21 sob minha orientação e o restante, como membro de banca, contribuindo para a orientação de colegas. Se somarmos a este número as mais de quarenta bancas da pós-graduação, como se verá adiante, podemos perceber que esta é

uma atividade constante, permanente e que exige boa parte de nosso tempo e dedicação.

### III – DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS NA PÓS-GRADUAÇÃO

As minhas primeiras experiências com a pós-graduação ocorreram em instituições particulares. No Centro Universitário *Unifieo*, participei da concepção e criação do curso de pós-graduação *lato senso* em Geografia, com ênfase em *Educação Ambiental*. Neste curso, ministrei a disciplina de *Metodologia da Pesquisa Científica* na qual os alunos eram orientados para a elaboração de um projeto de pesquisa. Embora fosse um curso criado pelo Curso de Geografia, ele acolhia alunos de diversas formações, como biólogos e pedagogos.

Na *Unisa*, fui encarregado pela criação e coordenação de um curso de pós-graduação *lato senso*. A experiência que eu havia adquirido na criação do curso de pós-graduação do *Unifieo* tornou essa tarefa mais simples. No final de 2001, apresentei o Projeto Pedagógico do Curso de Pós-Graduação em *Planejamento Ambiental e Gestão de Recursos Naturais*. O projeto foi aprovado, divulgado e começou a funcionar no período letivo seguinte. Coordenei-o durante todo o ano de 2002 e pude convidar colegas como a professora Sueli Ângelo Furlan e a professora Maria Alice Venturi, entre outros, para ministrarem aulas com temas específicos. O curso também atendia alunos de outras graduações, como Biologia, Administração, Pedagogia e Turismo. Em janeiro de 2003, houve a reestruturação de alguns cursos. Com outros dois coordenadores, concebemos a fusão dos três cursos existentes na área ambiental e criamos o curso de *Planejamento, Gestão e Educação Ambiental*.

Na USP, meu credenciamento na pós-graduação deu-se cerca de três anos após meu ingresso, pois o regime de tempo parcial, no qual fiquei inicialmente não me permitia orientar ou ministrar disciplinas na pós-graduação. Assim que eu me credenciei, já comecei a receber orientandos no processo seletivo de 2004.

A criação e oferta de uma disciplina de pós-graduação decorreu de uma necessidade eminente, a partir da identificação de uma lacuna na graduação que

se estendia para a pós-graduação. Nas aulas de *Iniciação à Pesquisa em Geografia II, Teoria e Método II* e nas orientações de TGI e mesmo de mestrado, os alunos manifestavam uma evidente dificuldade em identificar teorias, formar argumentos consistentes e, sobretudo, articular um conhecimento teórico com a pesquisa empírica. Ao serem indagados sobre o embasamento teórico, com muito esforço esboçavam alguns conceitos soltos. Percebi que havia certa pulverização do conhecimento teórico da Geografia, problema que se estendia e se agravava na pós-graduação, já que o Programa de Geografia Física recebe alunos de diversas instituições em com diferentes formações. Havia a necessidade de revalorizar a teoria e o método como aliados às pesquisas e não como um obstáculo a elas. Consciente de que esta seria uma tarefa de muito fôlego, comecei a reunir algumas teorias das mais diversas áreas da Geografia Física e algumas da Geografia Humana e propus a disciplina *Bases Teóricas, Metodológicas e Conceituais da Pesquisa em Geografia Física*. A disciplina, ao que tudo indica, veio, de fato, atender a uma demanda e, por ser de conteúdo geral e tratar de questões relacionadas à estrutura da pesquisa científica, acabou atendendo a um público amplo.

Desde que a disciplina foi criada e oferecida pela primeira vez, em 2006, o número de alunos que a frequenta tem se mantido alto. Em 2006, eram 16 alunos regularmente inscritos, além dos ouvintes; em 2010 tive mais de 40 alunos no curso, dos quais 33 regularmente matriculados. Em 2011, lecionei para 33 alunos, entre regulares (26) e ouvintes. Neste ano, ocorreu uma mudança de perfil da turma. Talvez pelo fato de o curso ter sido oferecido no formato concentrado, houve grande procura de alunos de outros estados, como Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso de Sul, Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina, além de alguns alunos de interior de São Paulo. A disciplina também recebe alunos de outras áreas do conhecimento, como Engenharias, Arquitetura, Relações Exteriores, além de alunos do Programa de Geografia Humana.

A disciplina estrutura-se em torno de temas como os diferentes tipos de conhecimento e tipos de pesquisa; a problematização da pesquisa; a teoria científica, sua estrutura, seus componentes e seu papel no trabalho científico; as teorias mais usadas na pesquisa geográfica; a estrutura do argumento explicativo, a tríade objeto – teoria – método; os procedimentos metodológicos e sua

fundamentação teórica; o papel da técnica e da quantificação; os principais conceitos e definições que fundamentam a pesquisa em Geografia Física. Como trabalho final, os alunos devem apresentar a tríade objeto-teoria-método de suas próprias pesquisas, da qual será avaliada a coerência, adequação da teoria e do método em relação à problemática estudada, a força do argumento proposto, o qual deve sustentar-se em premissas de natureza teórica e empírica, além de, na medida do possível, articular aspectos do meio físico e social, situando-os no tempo e no espaço.

De alguma forma, a disciplina acaba interferindo nos projetos iniciais dos alunos, o que me leva a conversar com seus respectivos orientadores. Quase sempre recebo sinal verde dos orientadores para eventuais interferências nos projetos iniciais de seus orientandos.

Em relação às orientações de mestrado e doutorado, até o presente momento, formei oito mestres e um doutor, já que meu credenciamento, como foi exposto, ocorreu apenas em 2004. No começo, selecionava poucos orientandos, já que ainda não tinha uma noção exata da densidade que este trabalho demandava. Ter poucos orientandos era, então, uma medida de cautela. No decorrer dos anos, o número de orientandos foi aumentando, até que, no primeiro semestre de 2011, eu estava com todas as 10 vagas preenchidas.

Em relação à minha participação em bancas, no entanto, elas totalizam 48 (até outubro de 2011), entre defesas e qualificações de mestrado e doutorado. Deste total, presidi 19 bancas, já que se tratava de trabalhos sob minha orientação. Nas 29 restantes, eu participei como membro julgador, colaborando com colegas de dentro e de fora da Geografia da USP.

#### **IV – ATIVIDADES DE PESQUISA**

Quando eu me formei ainda não havia o TGI (Trabalho de Graduação Individual) na grade curricular e inexistiam programas como o PIBIC. A pesquisa limitava-se, na graduação, às aulas de Iniciação à Pesquisa. Assim, minha primeira experiência com pesquisa foi no próprio mestrado. As aulas de *Teoria do Conhecimento* e *Lógica* oferecidas no Departamento de Geografia pelo professor

*José R. N. Chiappin*, da Filosofia, foram fundamentais para meu amadurecimento científico. Exercitávamos a formação de argumentos, com premissas e conclusões, para explicar fatos articulando enunciados gerais, extraídos de teorias, com dados empíricos de pesquisa. Foi quando eu consegui formular as hipóteses e formatar a problemática da pesquisa de mestrado, o que me permitiu reorganizar todas as informações obtidas até então acerca de meu objeto de estudo, o Parque Nacional das Emas. Foram as hipóteses que tornaram minha pesquisa menos interpretativa e mais científica, pelo fato de poder ser contestada. Ao abraçar uma abordagem hipotético-dedutiva, de orientação popperiana, consegui traçar os caminhos metodológicos e concluir a pesquisa. Os objetivos, as hipóteses e os procedimentos metodológicos e técnicos da pesquisa de mestrado já foram explicitados anteriormente, no capítulo 'Formação Acadêmica' deste memorial, do mesmo modo que a pesquisa de doutorado. Apenas ressalto que no doutorado, o trabalho de pesquisa foi mais tranquilo na medida em que os questionamentos iniciais já haviam sido superados. Entrei no programa com uma problemática já bem definida, como já relatei anteriormente e a pesquisa de doutorado intitulada *Itapeçerica da Serra – uso e ocupação do território*, foi concluída em dezembro de 2001.

Logo em seguida, antes mesmo de entrar em regime de dedicação exclusiva na USP, em 2003, a pesquisa de doutorado teve um desdobramento que resultou em um novo projeto financiado pelo *IFIP* (Instituto FIEO de Incentivo à Pesquisa, do *Unifieo*) que durou 18 meses. Esta pesquisa buscou os elementos explicativos que poderiam esclarecer por que, em algumas áreas da RMSP protegidas pela Lei de Proteção aos Mananciais, não havia contenção, mas sim, aceleração da ocupação, apesar das restrições impostas pela referida Lei. Especificamente, a pesquisa pretendeu analisar comparativamente as Leis n.898 e n.1.172, com a nova Lei Estadual de Proteção aos Mananciais, n.9.866 de 1997, o que permitiu prognosticar eventuais reorientações na ocupação das áreas em questão. Esta pesquisa, intitulada *O IPTU como indicador de irregularidade na ocupação dos mananciais metropolitanos*, concluiu-se em 2002 e teve como desdobramento um artigo com o mesmo nome, publicado na revista *GEOUSP*, n.6, de 1999.

Naquele mesmo ano, um novo projeto foi apresentado ao IFIP. Os vários anos de estudos geomorfológicos e oferta da disciplina de Geomorfologia, além de numerosos trabalhos de campo trouxeram à tona novas indagações que acabaram por se transformar em questões motrizes deste novo projeto de pesquisa. Observou-se durante as viagens de campo que há, com muita frequência, uma estreita relação entre o nome dos lugares e os aspectos físico-geográficos da paisagem em que se situam. Enquanto os topônimos de origem Tupi revelam sempre algum aspecto físico-geográfico (relevo, hidrografia, vegetação etc.), aqueles de origem portuguesa possuem forte conotação religiosa, porém, muitas vezes associados aos aspectos geográficos (São José do Rio Preto, São José dos Campos etc.), ou ainda, simplesmente referindo-se a um aspecto da paisagem (Rio Claro, Monte Verde). Outros, como Osasco, Americana ou Presidente Prudente, revelam algum aspecto da história da ocupação do lugar. Há ainda aqueles topônimos que associam nomes de origem Tupi com Portuguesa, a exemplo de Itapecerica da Serra (“pedra escorregadia” da serra) ou Santana de Parnaíba (Santana “do rio ruim”, à beira do rio Tietê).

De todas as maneiras, os topônimos parecem revelar um grande poder de observação da paisagem e um empirismo aguçado dos primeiros habitantes do Estado de São Paulo. Este projeto de pesquisa, intitulado *Os Topônimos dos Municípios Paulistas no Estudo Físico-Geográfico do Estado*, pretendia resgatar o legado toponímico paulista no sentido de enriquecer o estudo da Geografia do Estado. Buscava-se demonstrar que a análise geográfica do território poderia ser enriquecida caso se iniciasse com a compreensão toponímica. Como apoio à pesquisa, comecei a frequentar as aulas de Tupi no Departamento de Letras, ministradas pelo prof. Eduardo Navarro, que também tem formação de geógrafo. Porém, esta pesquisa foi interrompida no ano seguinte, já que minha contratação na USP em regime RDIDP exigia a homologação dos contratos com outras instituições.

Este estudo não pôde ser retomado no Departamento de Geografia, pois se exigia que o projeto de pesquisa apresentado pelos novos professores para o cumprimento do regime RDIDP contemplasse a área do concurso prestado, no meu caso, *Geografia dos Recursos Naturais*. Assim, um novo projeto foi

elaborado para atender ao regime RDIDP e à área para a qual eu havia sido contratado.

Na área de *Geografia dos Recursos Naturais*, o novo projeto de pesquisa tinha, inicialmente, como objeto, a exploração de recursos naturais como a matéria bruta nas áreas dos mananciais metropolitanos, configurando um evidente conflito de uso e interesses. A pesquisa empírica, que focalizava a Região Metropolitana de São Paulo, ocorria paralelamente à busca de uma fundamentação teórico-conceitual, a qual, ao longo do processo de pesquisa, tornou-se objeto de maior preocupação, deslocando, em certa medida, o foco da pesquisa, pois não havia como se empreender uma pesquisa sem que se dispusesse de uma sólida base conceitual. Se, por um lado, havia certa facilidade em relação à coleta e sistematização de dados, visto que, em se tratando do contexto da RMSP, dispõem-se de sólidas bases de dados, por outro, a constatação de lacunas conceituais acerca dos recursos naturais no contexto da Geografia, redirecionou a preocupação central da pesquisa. Essa mudança de foco foi autorizada pela CERT mediante a apresentação de resultados parciais que a justificassem, o que foi atendido pela publicação de um artigo na revista GEOUSP, já mencionado<sup>5</sup>. A existência de outros trabalhos científicos sobre a temática dos recursos naturais na RMSP reforçou a ideia de se redirecionar a pesquisa para a problemática conceitual que se apresentava. Esta reorientação foi decisiva e obrigou-nos a elaborar este novo projeto de pesquisa. Ressalta-se aqui, que esta preocupação com a base conceitual da pesquisa ocorreu concomitantemente à oferta da disciplina *Geografia dos Recursos Naturais*, a qual, como já foi mostrado, reservou importante espaço para a discussão e construção conceitual. Este fato evidencia uma convergência entre as atividades de ensino e pesquisa. A esta convergência seriam acrescentados alguns questionamentos advindos, agora, das atividades de extensão.

Durante este redirecionamento da pesquisa, com maior valorização da base conceitual, ocorrida entre 2005 e 2006, a experiência do trabalho como consultor do MEC para o Programa Nacional de Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM - Geografia)<sup>6</sup> trouxe novas informações acerca da maneira como os

---

<sup>5</sup> VENTURIL, A.B. "Recurso Natural: a construção de um conceito". Rev.GEOUSP, 20. S.Paulo, 2006.

<sup>6</sup> De 2005 a 2009.

recursos naturais são apresentados nos livros didáticos. Invariavelmente, os recursos naturais são tratados de maneira estanque em relação aos outros conteúdos dos livros, privilegiando o enfoque econômico, desprezando aspectos físico-territoriais que poderiam ajudar na construção de uma abordagem geográfica para o tema.

Estes dois fatos aqui apresentados foram relacionados na reorientação da pesquisa: a lacuna conceitual acerca dos recursos naturais e a maneira inadequada que essa temática é trabalhada nos livros didáticos, sendo que esta seria decorrência da primeira. Assim, esta relação consequente entre esses dois aspectos passou a constituir a essência deste novo projeto de pesquisa. Parte-se da premissa de que os livros didáticos recomendados pelo MEC, com frequência, tratam da temática dos recursos naturais sob uma abordagem geográfica incompleta, ou seja, caracterizada pela fraca integração de conteúdos da Geografia Física e da Geografia Humana. Com o objetivo de buscar, no plano conceitual, as razões explicativas deste fato, considerou-se, como hipótese central, que a ausência de um conceito geográfico de *recurso natural*, que integre as perspectivas físicas e sociais da temática, desfavorece o estudo do tema no ensino de Geografia.

Atualmente em curso, esta pesquisa enquadra-se na linha de pesquisa *Dinâmica da Paisagem e Gestão de Recursos Naturais* do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. E como se tentou mostrar, ela converge esforços das dimensões do ensino e da extensão.

O produto final da pesquisa será apresentado na forma de um livro paradidático o qual, partindo de uma base conceitual geográfica de recurso natural, demonstre formas mais adequadas de abordagem da temática, sempre articulando aspectos físicos e sociais. Este projeto, que já está 70% pronto, não foi concluído dentro do prazo previsto (julho de 2011) e sua finalização foi postergada para 2012. Este fato decorreu da aprovação, pela FAPESP, de um projeto de pesquisa de pós-doutorado que apresentei à Fundação, o que exigiu estágio de pesquisa de quatro meses no exterior, como será agora detalhado.



## ***Pós-Doutorado***

Algumas viagens ao Oriente Médio, que se iniciaram na época da Air France, suscitaram alguns questionamentos acerca dos recursos naturais e seus reflexos na organização do território. Embora aquelas viagens não tivessem motivação acadêmica, o olhar geográfico que nos acompanha em qualquer situação foi, gradativamente, transformando aquelas inquietações em um objeto de pesquisa. Uma primeira sistematização destas reflexões foi feita em 2010, envolvendo, além dos recursos naturais, outros conceitos da ciência geográfica, pois eu me orientava pela hipótese de que os conceitos com os quais trabalhamos no Brasil seriam menos explicativos naqueles contextos tão diversos. Mas a comprovação desta hipótese geral requeria um reforço do lastro empírico daquelas realidades. Deste modo, ainda em 2010, elaborei um projeto de pesquisa de pós-doutoramento o qual foi aprovado e iniciado no mesmo ano, com sede na Universidade de Damasco (Síria), cujo reitor havia me enviado um convite.

O projeto de pesquisa originalmente apresentado à FAPESP tinha como título *Brasil e mundo árabe: análise da universalidade de alguns conceitos geográficos*. Este projeto inicial propunha, diante da realidade do Oriente Médio, elaborar uma análise argutiva de cinco conceitos geográficos, a saber: recurso natural, paisagem, lugar, espaço geográfico e região. Embora já se dispusesse de material e vivência empírica na região, o trabalho era ousado para uma estada de apenas três meses (de 20/12/2010 a 20/03/2011).

No próprio parecer de aprovação, a FAPESP (processo 2010/07130-9) indicava a necessidade de uma estada mais longa para que a pesquisa se viabilizasse satisfatoriamente. Deste modo, requeri à Fundação autorização para estender minha permanência na Síria por mais um mês, o que foi aprovado.

Mesmo assim, considerei focalizar apenas o conceito de recurso natural, diretamente ligado à linha de pesquisa na qual trabalho no programa de Pós-Graduação em Geografia Física (FFLCH – USP). Ao tomar contato com o contexto de pesquisa e perceber, o significado dos recursos naturais energéticos fortemente ligados à soberania e a decorrente dificuldade de obtenção de informações, o foco do trabalho sofreu mais um ajuste: os recursos energéticos

(hidrocarbonetos) apenas tangenciariam o estudo e os recursos hídricos ocupariam lugar central na análise. Estas opções mostraram-se muito convenientes quando, durante a estada de pesquisa, os movimentos populares que haviam se iniciado na Tunísia, Argélia e Egito, chegavam à Síria, tornando minha estada incerta. Felizmente, ainda foi possível realizar todos os trabalhos de campo necessários, entrevistas e ter acesso às informações estatísticas oficiais e bibliografia autóctone. A pesquisa pode ser resumida como se segue.

Ao se tratar de Oriente Médio, a água é tema central, seja pela escassez deste recurso em si, seja por relacionar-se à ideia de conflito. Obviamente o primeiro aspecto relaciona-se com o segundo. Este esquema lógico: conflito como decorrência da escassez é tão amplamente utilizado e facilmente absorvido por qualquer um que se interesse pela região, que acaba tornando-se um modelo explicativo. Porém, este paradigma precisava ser rediscutido, uma vez que a realidade do Oriente Médio contemporâneo tem se alterado aceleradamente. Por um lado, os países que compartilham águas, como aquelas da bacia do rio Eufrates, parecem consolidar entendimentos deixando a ideia de conflito cada vez mais distante. Já, nos países do Golfo Pérsico, de extrema escassez natural, o atual estágio de desenvolvimento técnico-científico tem gerado autonomia de abastecimento, anulando as possibilidades de conflitos envolvendo recursos hídricos, exigindo dos geógrafos uma revisão dos padrões teórico-conceituais relacionados à água como recurso natural. Diante destas novas realidades do Oriente Médio contemporâneo, esta pesquisa teve como objetivo central demonstrar a necessidade de uma revisão teórico-conceitual acerca do recurso hídrico. Como desdobramento deste objetivo, propôs-se um aperfeiçoamento do paradigma explicativo *escassez-conflito* e, ao mesmo tempo, uma maior acurácia conceitual acerca da água. A tese orientou-se pela hipótese geral de que, tanto a interdependência entre os países como o atual estágio técnico-científico relacionado à produção de água tornariam os atuais paradigmas explicativos e conceituais acerca do recurso hídrico pouco eficientes para a compreensão daquelas realidades eleitas para esta análise. O estudo baseou-se na análise evolutiva da história recente de dois contextos que, embora muito distintos, juntos, abrangem quase a totalidade do Oriente Médio, portanto, mais representativos da região. Esta análise baseou-se, em grande parte, pela escola da Geografia

Regional, razão pela qual se apoiou em autores como Raoul Blanchard, Emmanuel De Martonne, Paul Vidal de La Blache, W.B. Fisher, Pierre Gourou, mas também em Sir Laurence Dudley Stamp e Max Sorre, autores citados com frequência ao longo do texto. Este estudo proporcionou-me um profícuo retorno aos clássicos. O primeiro contexto estudado relaciona-se a uma situação de águas compartilhadas, representado pela bacia do rio Eufrates, envolvendo a Turquia (nascentes e alto curso), Síria (médio curso) e Iraque (curso inferior e foz). O segundo contexto refere-se ao Golfo Pérsico, focalizando pelo menos dois países, (Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita), devido sua representatividade na região que se caracteriza, entre outros aspectos, pelo forte estresse hídrico aliado ao alto desenvolvimento técnico-científico voltado para a produção de água potável. A pesquisa foi conduzida metodologicamente sob a perspectiva hipotético-dedutiva, partindo-se de sentenças gerais dadas pelo paradigma em questão e pelo conceito de *recurso hídrico*. Tais elementos teóricos foram confrontados com a realidade empírica do Oriente Médio e, na busca de sua compreensão, foram falseados. Tecnicamente, a pesquisa apoiou-se em análise documental, entrevistas, registros fotográficos, produtos cartográficos e, sobretudo, em extensos trabalhos de campo que forneceram o lastro empírico necessário aos argumentos propostos.

O apoio financeiro da FAPESP foi essencial para a realização dos campos que envolviam deslocamentos para a bacia do rio Eufrates, algumas vezes em áreas não servidas de transporte coletivo, exigindo contratação de motorista e veículo particular. Os deslocamentos aéreos para o Golfo Pérsico, região bastante representativa no que se refere à produção de água e que estava incorporada no planejamento de campo, também foram financiados pela FAPESP. Além dos deslocamentos, o auxílio financeiro possibilitou a obtenção de toda a infraestrutura necessária relacionada à moradia, acesso permanente à Internet, terceirização de alguns serviços, como a confecção de toda a base cartográfica. Complementarmente, o apoio integral dado pela Universidade de Damasco, em especial pelo professor Bahjat Mohamad foi essencial, desde a aquisição de material bibliográfico até a facilitação de acesso a dados oficiais. Este professor, extremamente ocupado e requisitado, pois ainda ocupa o cargo de presidente da Sociedade Síria de Geografia, despendia longas horas de seu tempo explicando-

me questões acerca da realidade geográfica da Síria, aconselhando-me e desaconselhando-me, quando necessário, sobre as incursões pelo território sírio. Os resultados desta pesquisa de pós-doutoramento, com mais de 200 páginas, foram apresentados à FAPESP e o relatório final foi aprovado em 02 de fevereiro de 2012. Atualmente, os resultados estão sendo traduzidos para o inglês, de modo que possam ser compartilhados com os pares da Universidade de Damasco.

Paralelamente, a incorporação de novos dados e novas leituras significaram um estímulo continuado pelo tema. O adensamento da pesquisa de pós-doutorado, ao longo de 2011 e início de 2012, resultou em uma tese que ora é apresentada para o concurso de Livre-Docência.

### **Publicações**

As publicações, que contabilizam cerca de noventa títulos desde o mestrado (agrupando-se os diferentes tipos), foram sendo elaboradas de acordo com os contextos e as necessidades específicas de cada momento, como forma de concretizar uma idéia, resgatar um feito e difundir informações, ou ainda, organizar informações para uso em sala de aula, como foi mostrado no item II deste memorial. As publicações surgem quase que naturalmente a partir de demandas científicas e até mesmo pessoais. Assim foi com os 50 artigos que resultaram na publicação do livro *Itapeceirica da Serra – retratos de um município*; assim foi com o livro *Praticando Geografia – técnicas de campo e laboratório*, que reuniu mais de vinte autores em 16 capítulos, tornando-se rapidamente uma referência acerca dos saberes técnicos da Geografia.

Em 2008, lancei o livro *Ensaios Geográficos*, pela Editora Humanitas. A idéia de organizar esta coletânea surgiu a partir de uma atividade exigida pela CERT (Comissão Especial de Regime de Trabalho), em que cada docente da Universidade de São Paulo deve apresentar bienalmente um relatório completo de suas atividades nas vertentes da *docência, pesquisa e extensão*. Ao listar e organizar minhas publicações dos últimos anos, percebi que havia certo número de artigos não publicados ou dispersos, isto é, publicados de diversas formas, reflexos de leituras de diferentes épocas, que poderiam ser revalorizados, pois

parecia que tinham sido subutilizados. Portanto, considerei a possibilidade de organizar esta coletânea, a qual chamei de “ensaios geográficos”, já que, sob este título, podem-se abrigar, sob uma perspectiva didática, vários assuntos, sejam aqueles decorrentes de pesquisas, sejam aqueles que derivam de reflexões epistemológicas ou acerca do cotidiano acadêmico. Durante a releitura, tive que resistir à tentação de alterar os textos, já que algumas reflexões avançaram e alguns dados poderiam ser atualizados. Mas decidi pela fidelidade ao que representam no contexto em que foram escritos. Apenas correções mínimas foram feitas, mantendo-se intactos os conteúdos.

Na primeira parte deste livro, trato de questões epistemológicas e conceituais, abrangendo recursos naturais, técnica, paisagem, além da problematização da pesquisa. Estes artigos desta primeira parte foram escritos para subsidiar as aulas das disciplinas de apoio, como *Iniciação à Pesquisa, Teoria e Método* e *Técnicas de Campo e Laboratório*, como já foi mencionado. A segunda parte traz resultados parciais de pesquisas na área de recursos naturais e ocupação e uso do território. Finalmente, a terceira parte compõe-se de reflexões acerca do cotidiano acadêmico, como grade curricular de Geografia, o papel da universidade e a extensão universitária.

A organização do livro *Geografia – práticas de campo, laboratório e sala de aula*. (Editora Sarandi, 2011) representa, a meu ver, um novo marco para arcabouço editorial da Geografia. Não se trata de uma simples reedição do “Praticando Geografia”, pois este livro contém agora 25 capítulos escritos por 35 autores, e abrange grande parte dos temas com as quais a Geografia se ocupa. Este livro, diferentemente do primeiro, inclui o professor do ensino médio como público alvo, daí o subtítulo “sala de aula”. Este livro reflete uma crença em uma Geografia mais propositiva. Hoje, os geógrafos já atuam nos mais diversos setores da sociedade, evidenciando a contribuição que esta ciência pode oferecer para a construção de um mundo melhor, ambientalmente mais correto, socialmente mais justo, enfim, um mundo mais equilibrado.

O Geógrafo atual tende a apresentar um perfil profissional que alia conhecimentos específicos das diferentes áreas - transitando entre as dinâmicas naturais e sociais - amplo embasamento teórico-conceitual e competências técnicas cada vez mais expressivas. E estas três dimensões traduzem-se em um

fazer ao mesmo tempo propositivo e crítico, no qual o alerta para os descaminhos da sociedade é acompanhado de ações, legitimadas pela reflexão e viabilizadas pela apropriação das técnicas.

Este livro pretende ajudar na consolidação deste novo perfil, oferecendo parâmetros técnicos de pesquisa, ensino e profissionais aos milhares de geógrafos, professores e estudantes dos mais de 400 cursos de Geografia do Brasil. É uma obra de altíssima qualidade editorial e o projeto gráfico foi elaborado de forma muito cuidadosa, o que pode ser constatado num primeiro folhear.

O objetivo desta obra foi reunir o maior número possível de informações técnicas e conceituais que podem subsidiar pesquisas científicas, assim como orientar o trabalho do professor. Dirigido aos alunos de graduação dos cursos de Geografia, Geologia, Biologia e mesmo Ciências Sociais e História, o livro abrange, então, um público que muitas vezes é representado pelo mesmo sujeito, já que frequentemente os alunos universitários são professores da rede escolar pública e privada. A grande variedade de assuntos tratados impossibilitou-nos de atribuir uma única orientação teórica principal. Este é o preço que a Geografia paga por se ocupar de um vasto e rico temário. Geotecnologias, técnicas de hidrografia, de análise de solos, estágio em sala de aula, aplicação de questionários, pesquisas históricas, entre muitos outros assuntos aqui tratados, apresentam cada qual suas especificidades teórico-conceituais, ainda que os grandes conceitos – como *paisagem, região, espaço* – sejam contemplados. Metodologicamente, contudo, o livro propõe procedimentos comuns que são encontrados em todos os capítulos. O primeiro refere-se à *articulação* entre os conteúdos. Constantemente o leitor se depara com sugestões de atividades, muitas das quais trazem grande potencial integrador entre áreas, como, por exemplo, Cartografia Temática, Geomorfologia, Fotografia, Biogeografia e Estatística. Outro procedimento metodológico proposto refere-se à aproximação dos conteúdos à *realidade do aluno* e da escola, de modo que as informações lhe façam mais sentido. Assim, se o capítulo propõe uma determinada atividade, ela deve referir-se ao contexto geográfico no qual a escola se insere.

Finalmente, o livro busca superar a perspectiva tradicional do campo enquanto aula ao “ar livre”, em que os alunos seguem um professor e tentam, apressadamente e nem sempre em condições favoráveis, anotar e gravar tudo o

que se ouve e se fala. Embora isto ainda possa e deva ser feito em alguns casos, o livro transfere para o aluno uma boa dose de *protagonismo* pela forma como os conteúdos e as atividades são estruturados. O aluno será mais ativo entrevistando, fotografando, cavando trincheiras, medindo vazão de rios ou as condições atmosféricas.

Enfim, o aluno irá compartilhar a experiência de campo que se tornará, assim, muito mais atraente, auxiliando o processo de ensino-aprendizagem. Ainda que algumas áreas não estejam nominalmente referenciadas em capítulos específicos, seus conteúdos são contemplados em um ou mais capítulos. E o caso, por exemplo, da Geografia da População que, embora não seja objeto de um capítulo específico, está contemplada tanto nos capítulos dedicados à Cartografia Temática e Geografia da Saúde e, em menor grau, naquele que aborda as Técnicas de Interlocução.

Atualmente, há dois projetos editoriais. O primeiro refere-se à publicação em português e tradução para o inglês dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento. A tradução é necessária para que os resultados possam ser compartilhados pelos colegas, professores e interlocutores do Oriente Médio. A organização final deste projeto editorial se iniciará tão logo eu receba a resposta da FAPESP, do Relatório Científico que ainda está sob análise da Fundação. Eventuais sugestões e correções poderão, então, ser incorporadas no projeto editorial.

O segundo projeto deve se iniciar tão logo este primeiro termine. Trata-se da finalização da pesquisa e do livro que a sistematiza, *Geografia dos Recursos Naturais do Brasil*, composto de 10 capítulos dos quais sete já estão prontos e submetidos à revisão crítica (*Doc.: III.1, do currículo anexo*). Este trabalho, assim como os outros, também se reveste de uma dose de pragmatismo, que se reflete no público alvo, na linguagem e na utilidade que terá como apoio ao processo de ensino e aprendizagem e da pesquisa em Geografia.

## V – ATIVIDADES DE GESTÃO

Antes de assumir alguma atividade de gestão no Departamento de Geografia da USP, eu já havia adquirido alguma experiência em outras instituições. Na Unisa, coordenei a Pós-Graduação e, no Unifieo, coordenei a Graduação, como já mencionei. Desta forma, adquiri experiência no trabalho de coordenação, intermediando alunos, professores e instituição, administrando alguns conflitos, promovendo reuniões, eventos, enfim, organizando o cotidiano acadêmico da graduação e da pós-graduação.

No *Unifieo*, minha nomeação como coordenador ocorreu em janeiro de 2002. A partir de então, muitas funções me foram atribuídas para continuar o trabalho da ex-coordenadora, a professora Glória da Anunciação Alves que havia sido aprovada em concurso no Departamento de Geografia da USP. Ela tinha deixado o curso em condições muito boas, bem organizado e bem avaliado pelo MEC em 2001. Um impulso e fortalecimento ao curso de Geografia ocorreram com a redução de 50% de suas mensalidades, bolsas integrais para os 15 primeiros colocados e transformação em curso matutino. A procura, que era de cerca de dez candidatos por vestibular, passou a mais de 300. Isto se deveu também ao reconhecimento do CREA pelo bacharelado, obtido no final de 2002, em processo encaminhado pela então professora da instituição, Vanderli Custódio.

No Departamento de Geografia da USP, assumi, a partir de 2004, a Coordenação da Comissão de Excursões Didáticas. Durante minha gestão, criei um regulamento interno de modo a regularizar as numerosas viagens de campo promovidas no Departamento. Fui nomeado vice-coordenador do laboratório de Geomorfologia, cargo que nunca assumi de fato porque, logo em seguida, novos professores da área foram contratados. Fui nomeado em Diário Oficial, sem que eu mesmo soubesse, representante da área de Geografia junto ao *Condephaat*. Por estar empenhado em outros compromissos, tive que declinar e nem mesmo compareci à posse no Palácio dos Bandeirantes.

A partir de julho de 2007, assumi a vice-coordenação do programa de Pós-Graduação em Geografia Física, juntamente com o coordenador, o professor Emerson Galvani. Juntos, elaboramos várias propostas de ações para, em seu



conjunto, elevar a qualidade de nosso programa. Ao final de nosso primeiro mandato, fomos reeleitos para um novo mandato, o que favoreceu a continuidade de diversas ações. Centramos esforços nos pontos considerados ainda insuficientes pela comissão de avaliação da Capes, de modo que nossas ações se voltaram para o aumento e equilíbrio da produção<sup>7</sup>, com qualidade, especialmente aquela do corpo discente, vinculando a deposição de dissertações e teses a um artigo científico; internacionalização do programa por meio de convênios com instituições estrangeiras, credenciamento de professores estrangeiros ao programa, critérios de credenciamento e reconhecimentos, rediscussão, atualização e reorganização das linhas de pesquisa do Programa, reformulação do regimento do programa no sentido de torná-lo mais preciso e completo, além de grande empenho na elaboração dos relatórios para avaliação da Capes. No segundo semestre de 2010, exerci interinamente o cargo de coordenador do Programa de Pós Graduação em Geografia Física, em substituição ao professor Emerson Galvani que se encontrava em licença prêmio.

Tão logo retornei de meu estágio de pós-doutoramento, eu e a professora Lígia Vizeu Barrozo apresentamos uma carta aberta aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, contendo uma proposta de gestão que buscava atender a todas as nossas necessidades. A carta esclarecia todos os pontos que seriam trabalhados por nossa eventual gestão e tinha o seguinte conteúdo:

### **Objetivo Geral**

*O objetivo geral desta chapa é elevar o conceito do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. Atualmente o nosso Programa tem conceito 5 e esperamos, na próxima avaliação, conquistar a nota 6.*

### **Justificativas**

*Considera-se relevante que o programa de Geografia Física alcance a classificação de programa PROEX, de excelência (notas 6 e 7). Acreditamos que o Programa de Geografia Física em uma das universidades mais importantes do país deve, por princípio, perseguir o nível de excelência. Além disso, o aumento da conceituação acarretará em*

---

<sup>7</sup> Encaro publicações como respostas dadas à sociedade, mais do que sucumbência a uma pressão produtivista.

*uma série de benefícios ao programa, como mais facilidades e maior acesso a verbas para pesquisa.*

### **Estratégias**

*As estratégias são delineadas a partir dos pontos do programa que receberam mais críticas pela última avaliação da Capes (2010), a saber:*

#### **→Publicações:**

*Embora nosso programa apresente publicações que, numericamente, superam até programas nota 7, ainda pecamos pela qualidade das publicações. Assim, nossa postura referente às publicações vai ser a de valorizar mais a qualidade do que a quantidade. Lembramos que publicações em periódicos abaixo de B2 não são pontuadas pela Capes, independentemente do número de artigos. Há também desequilíbrio na produção do corpo docente. Embora a própria Capes, por meio de discurso do prof. Renato Janine, tivesse valorizado programas com certo grau de heterogeneidade (diversidade de ideias, convívio de novos com mais experientes), há um mínimo a ser cumprido para os colegas que desejam participar do programa como membros efetivos (permanentes). Este mínimo foi discriminado nos novos critérios de credenciamento e credenciamento do programa, o que representou um importante avanço. Basta seguirmos os novos critérios para sanarmos este desequilíbrio. Continuaremos recomendando fortemente aos alunos que publiquem ou submetam pelo menos um artigo resultante de sua pesquisa de pós-graduação. Lembramos mais uma vez que na avaliação só são considerados periódicos A1 e A2 e B 1 e B2. Compreendemos que a dificuldade de publicação é comum a todos e, por isso, pensamos em ações coletivas, a exemplo da cooperação entre os docentes para a leitura crítica dos manuscritos antes da submissão. Esta prática, comum em muitos departamentos e institutos de pesquisa, pode aumentar a clareza e rigor dos artigos. Para este mesmo fim, propomos buscar apoio externo para análises estatísticas e tradução de manuscritos, quando for o caso. Pretendemos também trazer especialistas em redação científica para realizarem workshops com os alunos do programa, de modo que possam aprimorar seus manuscritos. Finalmente, voltaremos a divulgar a lista dos periódicos mais importantes de Geografia.*

#### **→Prazos:**

*Ainda temos um grande número de pedidos de prorrogação e trancamento. Apenas na última reunião, de junho de 2011, tivemos 13 pedidos de prorrogação e 2 de trancamento. Este número de pedidos atinge quase um terço dos alunos que entraram no*

mesmo período. A Capes leva em conta o número médio de meses para conclusão do Mestrado e Doutorado. Assim, quanto maior o número de prorrogações, maior será nossa média de conclusão, trazendo impacto negativo à nossa avaliação. No sentido de sanarmos este problema, solicitaremos aos alunos e orientadores que se organizem e se esforcem para evitar o recurso da prorrogação. Precisaremos detectar as causas dos pedidos de prorrogação, tentando verificar se os cronogramas apresentados nos projetos de pesquisa são exequíveis no tempo definido para cada nível (Mestrado e Doutorado).

**→Orientações:**

Em relação a este aspecto, a Capes apontou, mais uma vez, desequilíbrio entre o corpo docente, no que se refere ao número de orientações. Acreditamos que o cumprimento dos novos critérios de credenciamento será suficiente para minimizar este desequilíbrio.

**→Convênios:**

Ainda não temos impacto expressivo, sobretudo internacional. Nossa proposta consiste em continuar buscando convênios com outros programas, inclusive internacionais, abrindo novos canais de intercâmbio e possibilidades de pós-doutorado no exterior. Planejamos uma missão para a Universidade de Oxford (abril de 2012), a qual foi apoiada financeiramente pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Fizemos uma segunda proposta de missão, agora para a Oregon State University (para setembro de 2012), para a qual aguardamos resposta de apoio.

**→Visibilidade:**

Nosso site precisa ser melhorado, tanto para proporcionar maior visibilidade do programa como para fornecer de forma mais rápida e ágil todas as informações necessárias aos alunos e interessados. Este problema foi resolvido com a instituição de um site oficial da USP para todos os programas de pós-graduação. Estamos reunindo informações relevantes de alunos e professores, como entrevistas, convites, prêmios e tudo o que possa elucidar a visibilidade do Programa.

**→Laboratórios:**

A comissão da Capes foi enfática em afirmar que nossos laboratórios têm uso muito mais didático do que de pesquisa. A falta de projetos sediados e empreendidos nos laboratórios foi apontada como aspecto negativo. A Capes espera que os laboratórios tenham projetos financiados e que estejam abrigados nas linhas de pesquisa descritas.

*Este fato precisa ser discutido entre o grupo para delinear possíveis modificações no perfil dos laboratórios.*

**→Comunicação:**

*Ainda apresentamos falhas na comunicação interna. Durante a avaliação, alguns professores desconheciam os trâmites para encaminhamento de pedido de verba, as diferentes fontes existentes, bolsas, projetos temáticos, etc. Alguns desconheciam a que linha de pesquisa pertenciam, o que era, de certo modo, natural, pois as linhas tinham acabado de ser estabelecidas. Neste sentido, propomos a realização de reuniões para esclarecimentos de alunos e docentes do Programa.*

**→Distribuição de verbas:**

*Será dada continuidade à transparência na distribuição de verbas aos laboratórios, a qual é feita segundo o número de professores alocados em cada espaço laboratorial.*

**→Organização geral do programa:**

*Inegavelmente, a rediscussão das linhas de pesquisa representou um ganho ao programa. Elas sistematizam nossos esforços de pesquisa e organizam o programa em vários aspectos: intercâmbios, processo seletivo, pedidos de verbas etc. Porém, ainda temos muitas subdivisões (há linhas com 9 sublinhas), o que foi apontado pela comissão avaliadora como ponto a ser rediscutido. Propomos a rediscussão das linhas no sentido de buscarmos maior aglutinação. Em reunião com a pró-reitoria de Pós-Graduação, sugeriram-nos que criássemos alguns projetos de pesquisa aglutinadores, em que professores de diferentes linhas e seus respectivos alunos pudessem se envolver. A Comissão da Capes e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação aconselham evitar linhas de pesquisa com um só professor, e sem nenhuma disciplina que lhe dê subsídio. Os critérios para avaliação de pedidos de bolsas também foram um ganho, na medida em que dão mais objetividade no ranqueamento dos candidatos à bolsa, facilitando ainda o trabalho das comissões. Sabemos que, num eventual novo mandato, alguns ajustes poderão ser feitos. Os critérios de credenciamento e credenciamento, cobrados pela comissão avaliadora, foram definidos e representam amadurecimento do programa. Seu simples cumprimento ajudará a resolver alguns dos problemas apontados. A formulação das novas normas do regimento, também representou esforço coletivo de organização do programa, normatizando e padronizando procedimentos, exigências, prazos etc.*

### **Considerações finais**

*A formação desta chapa não foi aleatória, mas acreditou-se que os perfis dos professores Luis A. B. Venturi e Lúgia V. Barrozo complementam-se. Daremos continuidade aos esforços da gestão anterior e focaremos nossas ações para alcançarmos o nível de programa PROEX. Esta chapa entende que os alunos devem compreender melhor sua responsabilidade social e acadêmica com o Programa de Pós-Graduação, especialmente os bolsistas, devendo ser incentivados em relação às publicações, cumprimentos dos prazos e participação em eventos. Na medida do possível, promoveremos atividades científicas que incentivem a participação dos alunos, permitindo que eles estejam mais presentes nos laboratórios e atividades acadêmicas. A gestão desta chapa será sempre transparente, aberta a sugestões e compartilhará sempre os problemas e soluções respeitando a dimensão coletiva do programa. Proporemos ainda a formação de pequenas comissões, abrindo espaço aos colegas que se interessarem em colaborar em determinados assuntos.*

A proposta aqui detalhada foi bem aceita pelos colegas e fomos eleitos para um mandato de 2 anos, eu como coordenador e a professora Lúgia como suplente. Apenas alguns meses se passaram e já conseguimos concretizar algumas de nossas propostas, entre elas, destaca-se um projeto de missão de visita ao programa de Pós-Graduação em Geografia da *University of Oxford*, de quem recebemos carta convite. Ressalta-se que foi o único projeto aprovado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação no âmbito da FFLCH.

Os *workshops* abrangendo temas de interesse dos alunos passaram a ocorrer regularmente, todos os meses. Paralelamente, o resgate de contato com os egressos já tem surtido efeitos. Organizamos nos dias 17 e 18 de outubro, organizar uma atividade intitulada “Conversando com Egressos Profissionais” quando quatro ex-alunos vieram relatar suas experiências profissionais nos mais diversos setores da sociedade, aos alunos de graduação e pós-graduação. Gostaria de destacar o trabalho da coordenação em relação aos egressos do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. Retomamos o contato com 264 egressos do período 200-2011 por meio de questionários. Recebemos, inicialmente, uma amostragem de 90 questionários preenchidos, o que já foi suficiente para iniciarmos um trabalho de sistematização dos dados e consolidação dos contatos. Os egressos são os frutos de nosso esforço;

plantamos e não saboreamos; estavam dispersos não os conhecíamos seus. As informações sobre onde estão, o que fazem e até sobre seus rendimentos foram surpreendentes. Os dados foram sistematizados na forma de mapas e gráficos e serão atualizados anualmente.

Outra conquista refere-se aos serviços da secretaria. Juntamente com a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, conseguimos a contratação de dois estagiários para trabalharem na secretaria de Pós-Graduação, que irão auxiliar, especialmente, na elaboração do relatório Capes.

A nova gestão da Pró-Reitoria, conduzida pelo prof. Vahan Agopyan tem inaugurado uma nova fase na Pós-Graduação da USP, aproximando-nos e estimulando-nos a repensarmos diversos aspectos relacionados aos programas, como o sistema de avaliação, a internacionalização, a melhoria da qualidade das teses, além de mudanças mais ousadas na própria estrutura da Pós-Graduação da USP. E o interessante desta política da Pró-Reitoria é que estamos sendo chamados para contribuir e, de fato, parecem estar contando conosco. Participamos ativamente da revisão do Regimento da Pós-Graduação da USP, tema que nos demandou diversas reuniões e bastante tempo.

Além destes grandes temas, temos que dar respostas para muitos outros aspectos que nos dizem respeito todos os dias, como eventos, premiações, projetos de pesquisa integrada, editais de missões internacionais. Finalmente, atendemos ainda aos chamados da CAPES, das associações de área (ANPEGE) para as quais somos convocados e que exigem deslocamentos. Preocupados em atender todas estas demandas e nos esforçarmos ao máximo para elevarmos a qualidade de nosso programa, esbarramos com limitações, normalmente relacionadas ao tempo disponível.

Para levarmos sugestões de possíveis modificações na estrutura da Pós-Graduação, como nos tem sido solicitado, é necessária a leitura de vastos documentos, como o Relatório Sucupira, que estruturou a Pós-Graduação no Brasil, o Tratado de Bologna, que padronizou a Pós-Graduação na Europa, o Regimento atual da Pós-Graduação da USP e, especificamente, da FFLCH, de modo que nossas sugestões sejam coerentes e consistentes. A ideia a ser amadurecida sobre os mestrados profissionais (estimulados na referida reunião

da CAPES) exige-nos leitura, reflexão e discussão com o grupo, até que uma proposta seja formulada.

Enfim, a Pós-Graduação da Universidade de São Paulo e, conseqüentemente dos programas da FFLCH estão entrando em uma nova fase de renovações e reestruturações que têm demandado muita dedicação dos coordenadores de programas e seus suplentes.

## **VI – A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

No tripé *ensino, pesquisa e extensão* sobre o qual a universidade se alicerça, as atividades de extensão representam, no Departamento de Geografia, o campo que mais necessita de novas iniciativas. Embora a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão tenha uma agenda ampla de programas e atividades, no Departamento de Geografia, parece que a extensão depende, na maior parte das vezes, de iniciativas individuais de docentes em se envolver com estas atividades, as quais se circunscrevem a Semanas de Geografia e a algumas iniciativas de laboratórios. O Lemadi (Laboratório de Ensino e Material Didático), por exemplo, desenvolve importantes atividades de extensão com a rede pública, na formação de professores e capacitação dos mesmos, inclusive para trabalharem com alunos com algum tipo de deficiência.

Em termos gerais, no entanto, os outros laboratórios são bastante fechados à comunidade. Urge a elaboração de um programa amplo de extensão, no qual os laboratórios abram suas portas à comunidade, auxiliando profissionais de diferentes áreas, do setor público, privado, cooperativas, oferecendo cursos, por exemplo, de Geoprocessamento para funcionários de prefeituras, de Pedologia, Geomorfologia e Climatologia para agricultores (a exemplo da UFV, Universidade Federal de Viçosa), de Biogeografia para funcionários de Unidades de Conservação, enfim, há muitas possibilidades ainda abertas para se tentar reduzir o distância entre a universidade e a sociedade. Uma evidência de que estas atividades são relegadas a um plano secundário é o peso mínimo que se atribui a elas na avaliação de um memorial. Se considerarmos, contudo, as palestras que os professores do proferem em outras instituições, como atividade de extensão, já

que envolvem a comunidade externa, teríamos, então, uma revalorização desta dimensão.

Ao longo de meus quatorze anos de docência no ensino superior, envolvi-me com diversas atividades de extensão, as quais estão detalhadas no currículo que se segue a este memorial. Mas algumas delas são memoráveis e merecem ser aqui destacadas.

A primeira delas refere-se ao meu envolvimento com o programa de governo *Universidade Solidária*. No primeiro semestre de 2002, fui convidado pela CECAE-USP (a extinta Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais) a coordenar um projeto do programa federal que previa um trabalho voluntário de um grupo de dez alunos de diversas faculdades da USP, sob minha coordenação, no município de Traipu (AL). O trabalho, de caráter educacional e não assistencial, enfocou questões ligadas ao meio ambiente e qualidade de vida da comunidade. Permanecemos por 21 dias em Traipu, desenvolvendo os objetivos do projeto junto à comunidade, com apoio de autoridades locais, o que resultou em um relatório completo e ilustrado das atividades desenvolvidas<sup>8</sup>. Sob uma análise crítica, considero que o formato proposto pelo programa *Universidade Solidária* beneficia muito mais os alunos, no que se refere às experiências pessoais. Poucos benefícios se consolidam nos municípios contemplados, haja vista que era a terceira vez que o município de Traipu era visitado pelo Programa e poucos vestígios das visitas anteriores eram observados. A universidade, por sua vez, beneficia-se já que o programa reveste-se um caráter inclusivo e solidário. Permito-me também fazer uma auto-crítica: nas entrevistas para a escolha dos candidatos, privilegiei aspectos da formação dos alunos e negligenciei aspectos mais subjetivos, como caráter, simpatia, humildade. Como resultado, obtive uma equipe bem formada, mas sem muita empatia entre os membros.

Uma segunda vertente de envolvimento com atividades de extensão refere-se ao trabalho como avaliador *ad hoc* pelo MEC. Desde 2002, foram cerca de 20 instituições visitadas (federais, fundações ou privadas), com as quais vimos contribuindo com uma detalhada avaliação das condições de ensino de

---

<sup>8</sup> Um artigo crítico-descritivo sobre esse trabalho (*Universidade Solidária: o Brasil visto por dentro*) foi publicado na Revista GEOSUP, n. 12



Geografia. Este trabalho, que perdura até hoje, permitiu-me desenhar um panorama das IES de Geografia pelo país, identificando suas principais fragilidades e seus principais potenciais.

Um terceiro trabalho significativo no campo da extensão vinculou-se ao PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático) e ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), de 2005 a 2010. Fomos convidados a realizar parecer crítico de diversos livros didáticos de Geografia, o que envolvia também professores da rede pública. Nossos pareceres finais eram lidos pelos professores da rede pública no sentido de atender suas expectativas e ajustar a linguagem.

Finalmente, gostaria de mencionar o Programa Embaixadores da USP, do qual faço parte. A função do Docente Embaixador é divulgar os programas de inclusão da USP: o *Inclusp* (Programa de Inclusão Social da USP) e *Pasusp* (Programa de Avaliação Seriada da USP) nas escolas públicas, na tentativa de desmistificar a USP e, ao mesmo tempo, estimular os alunos da rede pública a prestarem o exame da Fuvest, diante das vantagens a eles oferecidas. O objetivo maior é trazer mais alunos da rede pública para a universidade pública e entre as vantagens oferecidas estão a isenção de taxa de inscrição na Fuvest e a possibilidade de obtenção de um bônus de até 15% na nota do vestibular, ou seja, dependendo do desempenho do aluno, sua nota poderá ser aumentada em até 15%.

Apenas em agosto de 2011, visitei quatro escolas de regiões longínquas dentro da RMPSP. Destas visitas, resultou que mais de 300 alunos destas escolas inscreveram-se no Pasusp. A ideia é acompanhar estes alunos e convidar aqueles que conseguirem ingressar na USP para participarem das visitas em 2012.

### ***As extensões da Extensão***

Como desdobramentos daquelas quatro visitas de divulgação do *Inclusp* e *Pasusp*, as diretorias e os professores das escolas visitadas passaram a expor novas demandas e a fazer novos convites. Alegavam que os professores também mistificavam a USP e se desencorajavam a candidatar-se à pós-graduação. Assim, inaugurei o “Pasusp em nível de Pós-Graduação” e comecei a visitar

aquelas escolas, agora para falar com os professores e as possibilidades e mecanismos para o ingresso na pós-graduação.

Outros desdobramentos surgiram, relacionados a projetos e ao livro-didático. Uma das escolas (Asa Branca da Serra, em Itapeverica da Serra) manifestou o interesse de alguns professores de, num trabalho interdisciplinar, elaborarem um Atlas Municipal. Contavam assim, como minha orientação e estímulo, para o que agendamos novas reuniões.

Em relação ao livro didático, foi de minha própria iniciativa oferecer orientação para a escolha dos livros avaliados pelo PNLD. Coincidentemente, em uma das conversas com professores, havia pilhas de livros didáticos 'presenteados' por editoras, pois era época de escolhas. Ao observar que só havia grandes editoras, alertei os professores para a necessidade da leitura atenta do livro de resenhas dos livros aprovados pelo PNLD, quando poderiam encontrar muitos livros bons de editoras menores que não têm reservas financeiras para presentear as escolas e, por isso, poderiam passar despercebidos. A conversa estendeu-se um pouco mais e os professores demonstraram interesse em conhecer o processo de avaliação e seleção. Desta forma, iniciei um novo ciclo de conversas em uma escola, mas que se difundiu às outras escolas da região. Assim, entrei em um movimento crescente de envolvimento e cumplicidade com aquelas quatro escolas, o que me foi muito enriquecedor por algumas razões: primeiramente, porque atualizei e reformulei minhas antigas concepções de escola pública, facilmente desgastadas pela mídia. Recuperei a esperança no ensino público, pois encontrei escolas limpas e arrumadas, um alunado vivo e respeitoso, professores e diretores preocupados com a educação e ao mesmo tempo amáveis. Em segundo lugar, as visitas foram enriquecedoras, pois pude perceber, ou melhor, lembrar de algo que já sabia: de que as ações locais, diretas, têm, muitas vezes, um poder transformador maior do que aquelas que se dão em dimensões mais universais.

Creio que a visibilidade que todos nós adquirimos na USP contribui para que sejamos constantemente chamados a colaborar com algum projeto, além de contribuições com vestibulares, pareceres para revistas e instituições de fomento, palestras e cursos, bancas de concursos, entre outras. Temos, assim, uma grande responsabilidade sobre esta demanda.

## REFLEXÕES FINAIS

Atualmente, minhas preocupações continuam voltadas à constante busca do equilíbrio entre o tempo dedicado ao ensino, à pesquisa, à extensão universitária, além da harmonização entre meus interesses científicos e as obrigações da gestão acadêmica, voltadas para o coletivo do departamento e do programa de pós-graduação.

Neste atual estágio de minha vida, aos 48 anos, acredito ter reunido todas as condições necessárias para um bom desempenho da carreira de docente e pesquisador, criando um ambiente propício para o exercício da profissão. Apagaram-se inquietações de um tempo passado que, se em algum momento me afastaram temporariamente da Geografia, fortaleceram-me; não trago desejos do passado, pois, ou os realizei, ou o tempo tratou de diminuir-lhes a importância; superei dificuldades e conquistei os alunos; criei as condições materiais básicas, fortaleci laços familiares e harmonizei relações de amizade e afeto.

Além destes aspectos mais pessoais, o ambiente de trabalho no Departamento de Geografia da USP revelou-se solidário e profícuo a ponto de minha última publicação ter reunido 35 autores numa só obra. As diferentes posturas parecem desvanecer-se quando se percebe que a grande maioria está empenhada na construção de um Departamento mais forte e uma Geografia mais expressiva. E apesar da significativa carga de trabalho, consegui mais do que manter, aumentar minha paixão pela docência e pela Geografia, alimentando-me, permanentemente, com novos anseios e projetos; alicerçando-me no presente e no meu passado acadêmico; harmonizando tradições com ideias novas; ações locais (como o Pasusp) com as internacionais (como a missão à Oxford e Oregon).

Tenho como desafio constante buscar a melhoria do Departamento de Geografia em todos os níveis, centrando mais esforços em ações conjuntas, como projetos de pesquisa que articule linhas de pesquisa, professores e alunos, por exemplo, sem cairmos num produtivismo árido, mas dando respostas à altura da sociedade que nos financia, nos respeita enquanto instituição, mas que talvez, espera um pouco mais de nós.

Nestes últimos anos, participei de cerca de cem bancas entre graduação e pós-graduação, fui a mais de sessenta eventos, escrevi numerosos artigos e elaborei quatro livros, dois dos quais de grande impacto nacional. Formei dez pós-graduandos, lecionei oito disciplinas para centenas de alunos de graduação, envolvi-me com a gestão e com a extensão, na medida das possibilidades de tempo e dedicação e, em qualquer momento, se eu for indagado, poderei elencar projetos em andamento e planos de ação.

Passados onze anos desde que me tornei doutor, adquiri autonomia de pesquisa e de docência, exercendo a liberdade de reflexão, sem receio da exposição diante da comunidade científica e da sociedade, nossos principais interlocutores com os quais temos que interagir permanentemente.

**Luis Antonio Bittar Venturi**

São Paulo, outubro de 2011

## PARTE II – CURRÍCULO

### Apresentação

As exigências acadêmicas demandam-nos uma permanente organização das informações curriculares. A introdução da *Plataforma Lattes* trouxe-nos muitas vantagens, entre elas, a padronização das informações, a correta discriminação das atividades, a facilidade de atualização e correção, o acesso universalizado aos currículos, entre outras.

Na Universidade de São Paulo, a Comissão Especial de Regimes de Trabalho (CERT), demanda-nos relatórios bienais de atividades que, em sua essência, constituem-se de currículos atualizados que devem ser acompanhados por documentos comprobatórios.

No presente currículo, optou-se por uma estrutura intermediária, entre aquela exigida pela CERT e a do Currículo Lattes, de modo que muitas informações já sistematizadas poderiam ser aqui aproveitadas.

## LUIS ANTONIO BITTAR VENTURI

Endereço Permanente:

Rua Itajobi, 158 Recanto da Floresta, Itapeceira da Serra-SP Brasil

CEP 06850-650 Fone: (011) 4667-7476 Cel: 7298-7131 E-Mail [luisgeo@usp.br](mailto:luisgeo@usp.br)

Nascimento: 22/02/64 em São Paulo. Solteiro, nacionalidades brasileira e italiana.

### ÍNDICE

	<b>Página</b>
<b>I - <u>FORMAÇÃO ACADÊMICA</u></b>	<b>61</b>
<b>II - <u>ATIVIDADES DE DOCÊNCIA</u></b>	<b>62</b>
<b>Graduação</b>	
<i>Disciplinas Ministradas.....</i>	<i>62</i>
<i>Trabalhos de Campo.....</i>	<i>66</i>
<i>Bancas de TGI.....</i>	<i>70</i>
<b>Pós-Graduação</b>	
<i>Orientações de Mestrado concluídas.....</i>	<i>75</i>
<i>Orientações de Mestrado em andamento.....</i>	<i>75</i>
<i>Orientação de Doutorado.....</i>	<i>75</i>
<i>Disciplinas Oferecidas.....</i>	<i>75</i>
<i>Participação em Bancas.....</i>	<i>76</i>
<i>Defesas de Mestrado.....</i>	<i>76</i>
<i>Qualificação de Mestrado.....</i>	<i>78</i>
<i>Defesas de Doutorado.....</i>	<i>80</i>
<i>Qualificações de Doutorado.....</i>	<i>81</i>
<b>III - <u>ATIVIDADES DE PESQUISA</u></b>	<b>82</b>
<i>Pesquisa em andamento.....</i>	<i>82</i>
<i>Pesquisa concluída (Pós- Doutramento).....</i>	<i>82</i>
<i>Pesquisas anteriores.....</i>	<i>82</i>
<b>IV - <u>OUTRAS ATIVIDADES ACADÊMICAS</u></b>	<b>83</b>
<b>(gestão, comissões, pareceres, extensão)</b>	
<i>Coordenações.....</i>	<i>83</i>

Comissões.....	84
Consultorias.....	84
Bancas Julgadoras.....	85
Extensão Universitária.....	85
<b>V – PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS</b> .....	<b>87</b>
<i>Palestras Proferidas</i> .....	92
<b>VI – PUBLICAÇÕES</b> .....	<b>93</b>
<i>Artigos completos publicados em periódicos</i> .....	93
<i>Livros publicados</i> .....	94
<i>Capítulos de livros publicados</i> .....	94
Livros organizados.....	95
<i>Comunicações publicadas em anais de congressos</i> .....	95
<i>Resumos publicados em anais</i> .....	96
<i>Artigos em jornais de notícias</i> .....	96
<i>Outras produções</i> .....	98
<i>Manifestos</i> .....	99
<i>Projetos editoriais em andamento</i> .....	99
<b>VII – PARECERES SOBRE MINHA ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	<b>99</b>
<i>CERT – Comissão Especial de Regimes de Trabalho</i> .....	99
<i>Professor do Conselho Departamental</i> .....	99
<i>Manifestações de alunos e outras</i> .....	99
<i>Avaliação do Centro Acadêmico</i> .....	100
<i>Homenagens</i> .....	100
<b>VIII – OUTRAS INFORMAÇÕES</b> .....	<b>100</b>
<i>Línguas</i> .....	100
<i>Concursos Públicos</i> .....	100
<i>Associações</i> .....	100
<i>Viagens Internacionais</i> .....	100

## I - A FORMAÇÃO ACADÊMICA

---

- **Pós-Doutorado em Geografia**.....*Doc. I*  
 Department of Geography – University of Damascus  
 Período: dezembro/2011 a abril/2012  
 Apoio Financeiro: FAPESP  
 Título da Pesquisa: *Brasil e mundo árabe: análise da universalidade de alguns conceitos geográficos*  
 Supervisor: Prof. Dr. Bahjat Mohamad  
 Resultado: aprovado pela comissão científica da FAPESP em 02/02/12
  
- **Doutorado em Geografia Física**.....*Doc.: I.1*  
 Departamento de Geografia - USP  
 Período: fevereiro/1997 a dezembro/2001  
 Apoio Financeiro: CNPQ  
 Tema: Planejamento Territorial  
 Título da Tese: *Itapecerica da Serra - ocupação e uso do solo*  
 Orientador: Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro  
 Resultado: aprovado com unanimidade
  
- **Mestrado em Geografia Física**.....*Doc.: I.2*  
 Departamento de Geografia - USP  
 Período: março/1988 a julho/1993  
 Tema: Gestão de Unidades de Conservação  
 Apoio Financeiro: CAPES  
 Título: *Parque Nacional das Emas: Gestão e Degradação*  
 Orientador: Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro  
 Resultado: Nota: 10 com distinção
  
- **Bacharelado em Geografia**.....*Doc.: I.3*  
 Departamento de Geografia - USP  
 Período: fevereiro/1993 a dezembro/1986  
 Média ponderada: 7,13



**Licenciatura em Geografia.....Doc.:1.4**

Faculdade de Educação - USP

Período: 1986 a 1995

**- Curso Básico de Geografia.....Doc: 1.5**

Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo

Período: fevereiro a dezembro/1982

**II - ATIVIDADES DE DOCÊNCIA**

---

**Graduação***Disciplinas Ministradas.....Docs.: II.1*

<b>2011</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos<sup>9</sup></b>
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (d)</i>	4	Total 63
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (n)</i>	4	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	

<b>2010</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (d)</i>	4	Total 75
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (n)</i>	4	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	
<b>Disciplinas 1º semestre (licença prêmio de abril a junho)</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	

---

<sup>9</sup> Dados extraídos do Sistema Júpiter e organizados pela Secretaria do DG-USP

<b>2009</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG274- Iniciação à Pesquisa em Geografia I (d)</i>	2	Total 106
<i>FLG274-Iniciação à Pesquisa em Geografia I (n)</i>	2	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	
<b>Disciplina 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG335-Geografia dos Recursos Naturais (d)</i>	4	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	

<b>2008</b>		
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG- Teoria e Método em Geografia II (d)</i>	4	Total 167
<i>FLG- Teoria e Método em Geografia II (n)</i>	4	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	

<b>2007</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (d)</i>	4	Total 93
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (n)</i>	4	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG499- Trabalho de Graduação Individual II</i>	1	

<b>2006</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG496- Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<i>FLG274- Iniciação à Pesquisa em Geografia II (d)</i>	2	

<i>FLG274- Iniciação à Pesquisa em Geografia II (n)</i>	2	Total 186
<i>FLG496 – Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG335- Geografia dos Recursos Naturais (d)</i>	4	
<i>FLF335- Geografia dos Recursos Naturais (n)</i>	4	
<i>FLG496 -Trabalho de Graduação Individual I</i>	1	

<b>2005</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG274 - Iniciação à Pesquisa em Geografia II (n)</i>	2	Total 190
<i>FLG496 - Trabalho de Graduação Individual I</i>	2	
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG251- Geomorfologia I (d)</i>	4	
<i>FLG251 – Geomorfologia I (d)</i>	4	
<i>FLG335 – Geografia dos Recursos Naturais (d)</i>	4	

<b>2004</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (d)</i>	4	Total 287
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia (n)</i>	4	
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG251- Geomorfologia I (d)</i>	4	
<i>FLG251 –Geomorfologia I (n)</i>	4	

<b>2003</b>		
<b>Disciplinas 2º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG172- Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia(d)</i>	4	Total 113
<i>FLG172– Técnicas de Campo e Laborat. em Geografia(n)</i>	4	
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	
<i>FLG273 – Iniciação à Pesquisa em Geografia I</i>	2	
<i>FLG273 – Iniciação à Pesquisa em Geografia I</i>	2	

<b>2º semestre de 2002</b>
Após a greve do primeiro semestre, continuei ministrando as disciplinas que havia começado, embora meu contrato tivesse expirado, razão pela qual este semestre não consta no sistema Júpiter (Doc.: II.1)

<b>2002</b>		
<b>Disciplinas 1º semestre</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG273 – Iniciação à Pesquisa em Geografia I (d)</i>	2	Total
<i>FLG273 – Iniciação à Pesquisa em Geografia I (n)</i>	2	29

<b>2º semestre de 2001</b>		
<b>Disciplina</b>	<b>c/h semanal</b>	<b>n. alunos</b>
<i>FLG274 - Iniciação à Pesquisa em Geografia II (d)</i>	2	??
<i>FLG274 - Iniciação à Pesquisa em Geografia II (n)</i>	2	
<i>Obs.: 1º semestre de meu contrato RDIDP, não consta no sistema Júpiter (Doc.: II.1)</i>		

Graduação (UNIFIEO - Centro Universitário FIEO).....Doc.: II.2

Função: Professor Pesquisador

Período: fevereiro/1998 a julho/2003

Disciplinas Ministradas: Geografia Física, Geologia Geral, Geomorfologia I e II, Geografia Política, Metodologia Científica.

Graduação (Unisa – Universidade de Santo Amaro).....Doc.: II.3

Função: Professor Titular

Período: janeiro/1998 a julho/2003

Disciplinas Ministradas: Geografia Física, Geologia Geral, Geomorfologia, Cartografia.

**Trabalhos de Campo**

(sem documentos comprobatórios; relatórios de campo disponíveis)

<b>2º semestre de 2011</b>	
<b>São Miguel Arcanjo– SP</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas em campo
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	Outubro e novembro

<b>2º semestre de 2010</b>	
<b>São Miguel Arcanjo– SP</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas em campo
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	Outubro e novembro

<b>1º semestre de 2009</b>	
<b>Descalvado e Barra Bonita – SP</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de areia e hidreletricidade
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	Junho

<b>1º semestre de 2006</b>	
<b>Descalvado e Barra Bonita – SP</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de areia e hidreletricidade
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	24 e 25 de junho
<b>Itabira e Vale do Aço (MG)</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de ferro e produção de aço
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	07 a 11 de junho
<b>Mauá (SP)</b>	
Propósitos	Visita à refinaria de petróleo RECAP

Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	03 de junho
<b>Embu Guaçu (SP)</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de caulim em área de mananciais
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	08 de abril

<b>2º semestre de 2005</b>	
<b>Parque Estadual Carlos Botelho (São Miguel Arcanjo-SP)</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas de campo e laboratório
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	04 e 05 de dezembro

<b>1º semestre de 2005</b>	
<b>Itabira e Vale do Aço (MG)</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de ferro, produção de aço e celulose
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	18 a 21 de junho
<b>CENBIO - USP</b>	
Propósitos	Conhecer o programa de biodiesel desenvolvido na USP
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	31 de maio
<b>Embu Guaçu (SP)</b>	
Propósitos	Estudos de mineração de caulim em área de mananciais
Disciplina	Geografia dos Recursos Naturais
Data	19 de abril
<b>Serra da Mantiqueira (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e ambientais
Disciplina	Geomorfologia I
Data	09 e 10 de abril
<b>Barra Bonita e rio Tietê (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e hidrográficos

Disciplina	Geomorfologia I
Data	02 e 03 de abril

<b>2º semestre de 2004</b>	
<b>Parque Estadual Carlos Botelho (São Miguel Arcanjo – SP)</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas de campo
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	27 e 28 de novembro

<b>1º semestre de 2004</b>	
<b>Barra Bonita e rio Tietê (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e ambientais
Disciplina	Geomorfologia I
Data	19 e 20 de junho
<b>Serra da Mantiqueira (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e ambientais
Disciplina	Geomorfologia I
Data	05 e 06 de junho
<b>Barra Bonita e rio Tietê (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e hidrográficos
Disciplina	Geomorfologia I
Data	29 e 30 de maio
<b>Serra da Mantiqueira (SP)</b>	
Propósitos	Estudos geomorfológicos e ambientais
Disciplina	Geomorfologia I
Data	22 e 23 de maio

<b>2º semestre de 2003</b>	
<b>Parque Estadual Carlos Botelho (São Miguel Arcanjo – SP)</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas de campo
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	novembro

<b>Parque Estadual Carlos Botelho (São Miguel Arcanjo – SP)</b>	
Propósitos	Práticas de técnicas de campo
Disciplina	Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia
Data	outubro
<b>Serra da Mantiqueira e Campos do Jordão (SP)</b>	
Propósitos	Colaboração com o professor Felisberto Cavalheiro
Disciplina	Paisagem, Ecologia e Gestão Ambiental (pós-graduação)
Data	13 a 16 de junho

Trabalhos de campo anteriores, constantes no *Currículo Lattes*  
(sem registro comprobatório):

**USP:**

Vale do Ribeira - maio/2001

Barra Bonita e rio Tietê – junho/2001

Campos do Jordão – junho/2002

**Unifieo:**

Serra da Mantiqueira – setembro/2000

ETA – Guaraú, - novembro/2000

Serra da Mantiqueira – abril/2001

Serra da Mantiqueira – outubro/2001

Barra Bonita e rio Tietê – novembro/2001

Serra da Mantiqueira – abril/2002

Barra Bonita e rio Tietê – maio/2002

Parque Estadual Carlos Botelho – maio/2003

Parque Estadual Carlos Botelho – junho/2003

**Unisa:**

ETA Guaraú – outubro/2000

Mineradora (Embu Guaçu) – outubro 2000

Serra da Mantiqueira – junho/2001

Serra da Mantiqueira – setembro/2001

Barra Bonita e rio Tietê – outubro/2001



**Bancas de TGI (Trabalho de Graduação Individual).....Docs.: II.4****2011**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *O aspecto sonoro da paisagem geográfica*

Nome do candidato: César Brumini Dellore

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *A gestão dos recursos hídricos em Itupeva - SP*

Nome do candidato: Ademir José Duarte

**2010**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *O conceito de desenvolvimento sustentável na Gestão Pública: um estudo sobre a APA Municipal Bororé-Colônia*

Nome do candidato: Diego Lustre Gonçalves

**2009**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Análise da coerência entre a Geografia profissional e a Geografia acadêmica*

Nome do candidato: Iberê Braga Barioni

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Uso e ocupação do solo na Área de Proteção ambiental do Banhado em São José dos Campos (SP)*

Nome do candidato: Saulo de Paula Floriano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Evolução da ocupação territorial no município de Franco da Rocha - SP, entre 1980 e 2008*

Nome do candidato: Anderson Cristian do Amaral

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Mineração de areia na APA Bororé-Colônia: análise do uso do solo.*

Nome do candidato: Priscila Grandó

**2008**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Análise da fragilidade ambiental - Vila do Sahí, litoral norte do Estado de São Paulo*

Nome do candidato: Julia Rocha

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *O processo de constituição de um enclave verde no extremo leste da cidade de São Paulo*  
Nome do candidato: Marcos Paulo Zioli

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Revisão da literatura sobre a questão de regulamentação do turismo e o Tratado da Antártica*  
Nome do candidato: Nara Nanae Sano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Almanaque Habitat Brasilis - uma proposta em favor da conscientização ambiental*  
Nome: William Cunha Carvalho da Torre

## **2007**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Alguns recursos de análise espacial utilizados para pesquisar a preferência do eleitorado nas eleições presidenciais no município de São Paulo*  
Nome do candidato: Aleksei Zolnerkevic

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *A eficiência das políticas públicas em áreas de mananciais: o caso da Guarapiranga*  
Nome do candidato: Julia da Costa Saraiva

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Introdução à Biogeografia no Brasil: história, conceitos e procedimentos de campo*  
Nome do candidato: Gerson de Freitas Júnior

## **2006**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Análise da gestão dos resíduos sólidos em Franca – SP*  
Nome do candidato: Marcelo Vieira Reis de Camargo

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Atividades lúdicas no Ensino de Geografia – Ensino Fundamental*  
Nome da candidata: Kátia Soldati

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
Título: *Os parques urbanos de São Paulo como referência de lazer: Parque da Luz (séc.XIX) e Parque Ibirapuera*  
Nome do candidato: Carlos Alberto Corrêa

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Perfil dos frequentadores do Parque Estadual Villa Lobos*  
 Nome do candidato: Dennys Caesar de Andrade

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Simulação da cobrança pelo uso da água aplicada à sub-bacia do rio Jundiaí-Mirim, Jundiaí- SP*  
 Nome da candidata: Fabiane de Campos P. de Lima

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Transformação espaço-temporal na zona de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Mar: o caso do bairro de Ipiranguinha, Estrada do Macaco e morro dos Moceis – Ubatuba - SP*  
 Nome do candidato: Daniel Bartkus Rodrigues

## 2005

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *A cana de açúcar e seus subprodutos: uma questão ambiental emergente – avaliação de procedimentos para regulamentação da atividade de queima de palha no Estado de São Paulo.*  
 Nome do candidato: Rafael Frigério

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Educação ambiental e coleta seletiva de lixo em Coral Springs e Condado de Broward, Flórida, EUA.*  
 Nome do candidato: Lyllian Gladys Beckedorff

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Trilhos entre canas: origem, espaço, cotidiano e evolução das ferrovias canavieiras no Brasil.*  
 Nome do candidato: Nicholas Burman

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Turismo de negócios: a distribuição geográfica dos estabelecimentos de hospedagem na cidade de São Paulo.*  
 Nome do candidato: Paulo Roberto Andrade de Moraes

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Fragilidade ambiental e planejamento do meio territorial do Parque Estadual do Jaraguá*  
 Nome da candidata: Priscila Graciele de Leonardo

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia  
 Título: *Distrito do Tremembé: as ocupações como um extensor da mancha urbana*  
 Nome da candidata: Amarilda de Jesus Teixeira

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *A destinação dos resíduos sólidos como questão urbana: o exemplo do condomínio Conjunto Nacional, em São Paulo*

Nome do candidato: Remerson Lucio do Nascimento

## 2004

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Apontamentos da Geografia Urbana de Tatuí – SP: um estudo de caso para o início de uma investigação de uma cultura do urbano.*

Nome do candidato: Murilo Rossi

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Camamu: perspectivas de uma baía*

Nome do candidato: Luiz César de Paiva Reis

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Ensaio de cartografia morfológica na bacia hidrográfica do ribeirão da Ressaca, Embu - SP*

Nome do candidato: Alexandre Rodrigues Dias

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *A fragilidade ambiental na Serra da Cantareira: bacia do córrego do Bispo, município de São Paulo - SP*

Nome do candidato: Eric Macedo Massa

## 2003

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *A Índia na virada do milênio*

Nome do candidato: Fernando Fabiano Gonçalves de Lima

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia

Título: *Acre: políticas públicas territoriais e o desenvolvimento sustentável*

Nome da candidata: Cleonice da Silva Vilanova

## 2002.....Doc.: II.4.21

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *O processo de urbanização e desenvolvimento do município de Itapeverica da Serra*

Aluna: Márcia Carvalho Ferreira

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *As sociedades de amigos de bairro e seu papel na transformação do espaço: o caso de Interlagos*

Aluno: Leandro dos Santos

**2001**

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *A poluição das águas do rio Pinheiros: um problema sem solução?*

Alunas: Sônia Ângelo Donato e Ebeloeide P. Vieira

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *A poluição das águas da represa do Guarapiranga pela exploração de minérios*

Alunos: Maria de Lourdes Teixeira e Romero T. Araújo

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *Área de preservação ambiental Capivari-Monos: utopia ou realidade social?*

Aluna: Ana Paula Reis Ferreira

**2000**

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *A relação da evolução dos transportes metropolitanos com a ocupação das áreas de mananciais*

Aluno: Carlos Antonio Figueiredo

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *O Rodoanel e suas implicações ambientais*

Aluno: Luiz Pimenta Godoy Jr.

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *Os "lixos" de São Paulo como questão social e ambiental: o caso do aterro sanitário de Santo Amaro*

Aluno: Nelson Mariano Zilig

**1999**

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *Embu, Cidade do Artesanato: as peculiaridades de um processo de urbanização*

Aluno: Kleber Marcos de Sousa Paulo

Universidade de Santo Amaro – Faculdade de Geografia

Título: *Paisagem natural, aspecto histórico-cultural e o potencial turístico de Itapecerica da Serra*

Aluna: Glória Expedito

## **Pós-Graduação**

### ***Orientações de Mestrado concluídas.....Doc.: II.5***

Alberto Luzerno de Menezes  
 Eric Macedo Massa  
 Fábio Arantes  
 Gerson de Freitas Junior  
 Hélio Garcia Paes  
 José Eduardo Abbas  
 Leonardo Rodrigues Arruda Castanho  
 Nara Nanae Sano  
 Thaís Marina Castelhana Ralla

### ***Orientações de Mestrado em andamento.....Doc.:II.6***

Daniel Jung  
 Diego Lustre Gonçalves  
 Fernanda Marques Guimarães Rodrigues  
 Mariana Oliveira da Cruz

### ***Orientações de Doutorado.....Doc.:II.7***

- *Concluídas:*

Nara Nanae Sano (conclusão em 04/07/2011)

- *Em andamento:*

Douglas Soares  
 Francisco de Assis Gonçalves Junior  
 Larissa Fernanda Vieira Martins

### ***Disciplinas Oferecidas.....Doc.: II.8***

*Bases Teóricas, Metodológicas e Conceituais da Pesquisa em geografia Física*

(detalhamento no documento comprobatório anexo).....Doc.: II.8.1

*Oferecida em 2006, 2007, 2008, 2009 (USP e UEA), 2010 e 2011*

Obs.: versão desta disciplina em 4 créditos foi oferecida para o convênio Dinter-Minter USP-UEA, em 2009.

*Educação Ambiental e Meio Ambiente*

Pós-Graduação *lato senso* – Unifieo.....Doc.: II.8.2

*Gerenciamento dos Recursos Naturais*

Pós-Graduação *lato senso* – Unisa.....Doc.:II.8.3

**Participação em Bancas** <sup>10</sup> .....Doc.: II.9

**Defesas de Mestrado**.....Doc.: II.9.1

## 2012

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Análise dos Impactos socioambientais do gasoduto Coari-Manaus no Município de Manacapuru – AM*

Nome do candidato: Alberto Luzerno de Menezes

## 2011

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Análise dos Impactos socio-ambientais causados por incentivos estruturais na represa Billings: distritos Parque Miami e Jd. Riviera, Santo André - RMSP*

Nome do candidato: Thaís Mariana Castelhana Ralla

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Biogeografia do Eucalipto no Vale do Paraíba Paulista*

Nome do candidato: Gerson de Freitas Júnior

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Análise evolutiva da qualidade de vida urbana nos distritos ao sul do município de São Paulo através de práticas de geoprocessamento*

Nome da candidata: Bibiana Martini

---

<sup>10</sup> A opção por apresentar separadamente as defesas das qualificações, além de mestrado e doutorado, teve o objetivo de favorecer a uma avaliação mais detalhada do percurso de pesquisa dos alunos.

**2010**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Contribuições da Geografia ao Licenciamento e ao Estudo de Impacto Ambiental*  
Nome do candidato: Hélio Garcia Paes

**2009**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Os resíduos sólidos no Município de Guarulhos: análise das variáveis 'eficiência' e 'sustentabilidade' na gestão do aterro sanitário*  
Nome do candidato: Fabio Arantes

**2008**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Padrões espaciais de suicídio na cidade de São Paulo e seus correlatos socioeconômicos*  
Nome do candidato: Daniel Hideki Bando

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Análise dos índices de produtividade pecuária exigidos pelo INCRA para as microrregiões de Avaré e Bragança Paulista e sua relação com o relevo.*  
Nome do candidato: Leonardo Rodrigues Arruda Castanho

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *A problemática econômica e geográfica em que se inserem a gestão dos resíduos sólidos domiciliares e os modernos métodos para sua incineração*  
Nome do candidato: José Eduardo Abbas

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Estudo comparativo entre dois modelos geomorfológicos aplicados na Serra da Cantareira: bacia do córrego do Bispo*  
Nome do candidato: Eric Macedo Massa

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Estudo comparado da gestão das visitas nos parques estaduais turísticos do Alto Ribeira (PETAR) e Intervalos (PEI)*  
Nome da candidata: Nara Nanae Sano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Impactos sobre remanescentes florestais de Mata Atlântica na região metropolitana de São Paulo: um estudo de caso da mata da fazenda Tizo*  
Nome do candidato: Renê Costa



Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH  
 Título: *Análise dos biótopos da bacia hidrográfica do córrego das Águas Espraiadas – São Paulo - SP*  
 Nome da candidata: Lucília Blanes

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
 Título: *Educação a distância na formação de professores: o curso*  
 Nome da candidata: Ana Beatriz Siqueira Triano

Universidade Estadual Paulista – Rio Claro  
 Título: *A Aprendizagem de conceitos climáticos e ambientais através de novas tecnologias visando a inclusão digital e a educação ambiental*  
 Nome do candidato: André Marciel Bonini

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH  
 Título: *Jardim Colibri – análise geográfica como subsídio para o planejamento ambiental territorial*  
 Nome da candidata: Isabel Cristina Moroz Callia Gouveia

#### **Qualificações de Mestrado.....Doc.: II.9.2**

##### **2010**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – USP  
 Título: *Análise dos Impactos socioambientais do gasoduto Coari-Manaus no Município de Manacapuru – AM*  
 Nome do candidato: Alberto Luzerno de Menezes

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH  
 Título: *Análise da viabilidade técnica e orçamentária do Projeto Tietê*  
 Nome do candidato: Fernanda Marques Guimarães Rodrigues

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH  
 Título: *Biogeografia do eucalipto no Vale do Paraíba Paulista*  
 Nome do candidato: Gerson de Freitas Junior

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH  
 Título: *Análise dos Impactos socio-ambientais causados por incentivos estruturais na represa Billings: distritos Parque Miami e Jd. Riviera, Santo André - RMSP*  
 Nome da candidata: Thaís Marina Castelhana Ralla

##### **2009**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
 Título: *Paisagem e sustentabilidade: metodologia para avaliação da implantação e gestão socioambiental participativa em meios de hospedagem no ecoturismo*  
 Nome do candidato: Marcelo Teixeira Cesar de Oliveira

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Análise da dinâmica de vertentes em ambiente urbano*  
Nome do candidato: Frabrizio de Luiz Rosito Listo

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Contribuições da Geografia ao licenciamento e ao estudo de impacto ambiental oficial*  
Nome do candidato: Hélio Garcia Paes

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Análise ambiental do aterro sanitário de Guarulhos - SP*  
Nome do candidato: Fabio Arantes

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Análise comparativa entre o desempenho econômico e ambiental auferido na destinação final dos resíduos sólidos domiciliares (RSD) aos aterros sanitários e aquele auferido na destinação final dos RSD às Usinas de Recuperação Energética.*  
Nome do candidato: José Eduardo Abbas

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Padrões espaciais de suicídio na cidade de São Paulo e seus correlatos socioeconômicos*  
Nome do candidato: Daniel Hideki Bando

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Educação a Distância na Formação de Professores*  
Nome da candidata: Ana Beatriz Siqueira Triano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *A análise da paisagem no entorno dos eixos viários: o exemplo do rodoanel Mário Covas na RMSP*  
Nome da candidata: Larissa Lucianne Volpe

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Análise dos critérios do INCRA para desapropriação de áreas para efeito de reforma agrária*  
Nome do candidato: Leonardo Rodrigues Arruda Castanho

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Uma análise territorial da Guerra da Água, em Cochabamba - Bolívia, sob a ótica de Thomas Homer-Dixon*  
Nome do candidato: Matheus Hoffmann Pfrimer

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
Título: *Estudo comparativo entre dois modelos geomorfológicos aplicados na Serra da Cantareira: bacia do córrego do Bispo*  
Nome do candidato: Eric Macedo Massa

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia - FFLCH

Título: *Planejamento turístico de Campos do Jordão*

Nome do candidato: Renato Suano Pacheco de Araújo

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Estudo comparado da gestão das visitas nos parques estaduais turísticos do Alto Ribeira (PETAR) e Intervales (PEI)*

Nome da candidata: Nara Nanae Sano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Expansão urbana da Região Metropolitana de São Paulo e os impactos sobre fragmentos florestais remanescentes de mata atlântica: estudo de caso na Região Oeste*

Nome do candidato: René Costa

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Análise dos biótopos da bacia hidrográfica do córrego Águas Espraiadas, São Paulo - SP*

Nome da candidata: Lucília Blanes

**Defesas de Doutorado.....Doc.: II.9.3**

## **2011**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Em busca da governança do turismo antártico*

Nome da candidata: Nara Nanae Sano

## **2009**

Universidade Estadual Paulista – Instituto de Geociências (Rio Claro)

Título: *Ensino de Geografia - utilização de recursos computacionais (Google Earth) no Ensino Médio*

Nome do candidato: André Marciel Bonini

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FLCH

Título: *Análise sócio-ambiental da bacia do rio Biguaçu-SC: subsídios ao planejamento e ordenamento territorial*

Nome do candidato: Vicente Rocha Silva

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *O relevo, elemento e âncora, na dinâmica da paisagem do vale, verde e cinza, do Aracaú, no Estado do Paraná*

Nome do candidato: José Falcão Sobrinho

Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Título: *Espaços livres urbanos: a produção e a caracterização das áreas de uso comum dos conjuntos de edifícios de apartamentos paulistanos (1990-2004)*

Nome da candidata: Solange Moura Ima de Aragão

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Áreas livres urbanas e processos naturais. O exemplo do município de Bauru*

Nome da candidata: Emilia Falcão Pires

## **Qualificações de Doutorado.....Doc.: II.9.4**

### **2010**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Clima e paisagem na mesorregião centro-ocidental paranaense.*

Nome da candidata: Nair Glória Massoquin

### **2009**

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Tire apenas fotos e deixe apenas pegadas: a regulamentação do turismo na Antártica*

Nome da candidata: Nara Nanae Sano

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Cartografia geomorfológica de detalhe aplicada na análise de impactos ambientais urbanos*

Nome do candidato: Moisés Ortemar Rehbein

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Avaliação geossistêmica de sustentabilidade - AGS: uma contribuição da Geografia*

Nome do candidato: José Mariano Caccia Gouveia

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *Clima e Paisagem da Mesorregião centro-ocidental do Paraná*

Nome da candidata: Nair Glória Mossoquin

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *O clima urbano de Ponta Grossa - Paraná, como subsídio para as políticas públicas do município*

Nome do candidato: Gilson Campos Ferreira da Cruz

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH

Título: *O patrimônio ambiental urbano de Corumbá-MS: identidade e planejamento*

Nome do candidato: Joelson Gonçalves Pereira

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
 Título: *O relevo enquanto elemento e âncora na dinâmica da paisagem do Vale Verde e Cinzado - rio Acarau (CE)*  
 Nome do candidato: José Falcão Sobrinho

Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – FFLCH  
 Título: *Análise socioambiental da bacia do rio Biguaçu-SC: subsídios ao planejamento e ordenamento territorial*  
 Nome do candidato: Vicente Rocha Silva

### **III – ATIVIDADES DE PESQUISA**

---

#### *Pesquisa em andamento*

*A temática dos recursos naturais no ensino de Geografia.....Doc.:III.1*  
 Início: junho de 2008  
 Previsão de conclusão: junho de 2012 (Livro de 10 capítulos; 7 prontos)  
 Instituição vinculada: DG-USP  
 Projeto de pesquisa em anexo.

#### *Pesquisa concluída (Pós-doutoramento)*

*A apropriação da água no Oriente Médio (processo FAPESP n.2010/07130-9)*  
 Início: dezembro de 2010 Término: abril de 2011  
 Instituição vinculada: Universidade de São Paulo e Universidade de Damasco  
 Financiamento: FAPESP.....Doc.: III.2.1

#### *Pesquisas Anteriores*

*- Recursos Naturais: conflitos na interface urbano-rural da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).....Doc.: III.3*

Início: agosto de 2003  
 Redirecionamento: 2006  
 Instituição vinculada: DG-USP

Resultados Parciais (dois artigos; ver publicações):

*Água e Matéria Bruta: apropriação e uso dos recursos naturais na interface urbano-rural da Região Metropolitana de São Paulo*  
 In: São Paulo: Anais do XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. (p.818-825), 2005

*Recurso Natural: a construção de um conceito.*

In: São Paulo: Revista GEOUSP, n. 20 (p.9-17), 2006

- *A influência da Lei de Proteção aos Mananciais na ocupação e uso do território.....Doc.:III.4*

Início: março/2000

Conclusão: setembro/2001

Instituição vinculada: Unifieo – IFIP (Instituto Fieo de Pesquisa)

Resultados atingidos: disponíveis apenas no acervo da Instituição

- *Os topônimos dos municípios paulistas no estudo físico-geográfico do Estado.....Doc.: III.5*

Início: março de 2002

Interrupção: abril/2003 (devido regime RDIDP da USP)

Instituição vinculada: Unifieo – IFIP (Instituto Fieo de Pesquisa)

Resultados parciais: não se consolidaram em publicações

#### **IV – OUTRAS ATIVIDADES ACADÊMICAS (gestão, comissões, pareceres, extensão)**

##### **Coordenações**

*USP*

*Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física.....Doc.: IV*

Mandato: 01/07/2011 a 30/06/2013

*Suplente de coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia*

*Física.....Doc.: IV.1*

Mandato: 01/07/2007 a 30/06/2009 e de 01/07/2009 até o presente.

*Coordenador da Comissão de Excursões Didáticas.....Doc.: IV.2*

Mandato: de março de 2005 a março de 2007

Destaque para a elaboração do Regimento Interno de Excursões.....Doc.: IV.3

*Vice-coordenador do Laboratório de Geomorfologia.....Doc.: IV.4*  
Mandato: de março de 2003 a março de 2005

#### *Unifiefio*

*Coordenador do Curso de Geografia.....Doc.: IV.5*  
Mandato: janeiro/2001 a janeiro/2003

#### *Unisa*

*Coordenador do curso de Pós-Graduação em Geografia*  
*“Planejamento Ambiental e Gestão de Recursos Naturais”.....Doc.: IV.6*

### **Comissões**

*Comissão Executiva do Convênio Dinter-Minter USP-UEA.....Doc.: IV.7*  
*Comissão de Seleção de Bolsa PBIC 2006-2007.....Doc.: IV.8*  
*Comissão de Seleção de Bolsa PBIC 2007-2008.....Doc.: IV.9*  
*Comissão de Concurso Anpege de Teses e Dissertações.....Doc.:IV.10*  
*Comissão Julgadora de Pedidos de Bolsa do DG.....Doc.:IV.11*  
*Comissão Julgadora de Pedidos de Bolsa de Doutorado do DG.....Doc.:IV.12*  
*Comissão Eleitoral do Conselho Departamental.....Doc.:IV.13*

### **Consultorias**

*Avaliador ad hoc MEC, desde 2005 até o presente, para os programas PNLD*  
*(Programa Nacional do Livro Didático) e PNLEM (Programa Nacional do Livro do*  
*Ensino Médio).....Doc.:Obs.:como*  
*se trata de trabalho que envolve sigilo, não há documentos comprobatórios.*

*Avaliador ad hoc, MEC/INEP, desde 2002.....Doc. IV.14*  
*- (Lista de Instituições avaliadas até a presente data e nomeação em Diário Oficial*  
*da União, em anexo)*

*Parecerista Fapesp – pedidos de auxílio financeiro, desde jun/2007.....Doc.:IV.15*  
*Parecerista Capes – Qualis Livros, desde julho/2007.....Doc. IV.16*

<i>Parecerista Editora Abril, agosto/2006.....</i>	<i>Doc. IV.17</i>
<i>Parecerista do Boletim Gaúcho de Geografia, desde junho/2007.....</i>	<i>Doc.:IV.18</i>
<i>Parecerista Revista Ciência e Natura, desde junho 2007.....</i>	<i>Doc.: IV.19</i>
<i>Parecerista Revista GEOUSP.....</i>	<i>Doc.:IV.19.1</i>
<i>Revisor GEOUSP, edições de 2004 (n.15 e 16, além de outras, sem comprovação).....</i>	<i>Doc.:IV.19.2</i>
<i>Outros pareceres (Projeto RDIDP, Relatório de Afastamento).....</i>	<i>Doc.: IV.19.3</i>
<i>Elaborador e corretor de provas de vestibulares.....</i>	<i>Doc.: IV.20 (doc. referente à PUC-SP; outros documentos são sigilosos e poderão ser comprovados sob demanda;)</i>

### **Bancas Julgadoras**

<i>Concurso Público de Provas e Títulos da UFRN, maio/2010.....</i>	<i>Doc.:IV.21</i>
<i>Concurso Público de Provas e Títulos da UFES, março/2002.....</i>	<i>Doc.:IV.22</i>
<i>Concurso Público de Provas e Títulos da UNIFAL, para a área de Geografia Física.....</i>	<i>Doc.: IV.22</i>
<i>Concurso Público de Provas e Títulos da UNIFAL, para a área de Geografia Humana.....</i>	<i>Doc.: IV.23</i>

### **Extensão Universitária**

As atividades desenvolvidas como avaliador *ad hoc* (MEC, INEP) mencionadas no item 'Consultorias', inserem-se na classificação de Extensão Universitária, uma vez que envolvem: Instituição (alunos e professores) e comunidade (professores da rede pública).

- *Cursos ministrados em caráter de extensão*

*Fundamentos Teórico-Methodológicos da Pesquisa em Geografia Física*  
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal – RN), a convite do Programa de Pós Graduação em Geografia da instituição.  
 Data: 24 a 27/05/2010. Duração: 15 horas.....*Doc.:IV.25*

*Recursos Naturais e Organização do Território*  
 Universidade Federal de Viçosa (MG) a convite do Departamento de Geografia da instituição.  
 Data: julho de 2009. Duração: 8 horas.....*Doc.:(ver doc. V.9)*



*Unidades de Paisagem: metodologia da pesquisa geográfica*

Universidade Federal do Paraná - a convite do Depto. de Geografia

Data: 28 a 31/01/1999. Duração do Curso: 30 horas.....*Doc.:IV.26*

*O Processo de Pesquisa Científica*

UNIFIEO, primeiro semestre de 2000. Duração do curso: 30 horas.....*Doc.:IV.27*

*Cartografia*

UNIFIEO, segundo semestre de 2000. Duração do curso: 30 horas.....*Doc.:IV.28*

*- Projeto Universidade Solidária*

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - USP

Professor voluntário, coordenando equipe de dez alunos.

Local: Traipu (AL)

Período: 09 a 31 de julho de 2002

Natureza do trabalho: Educacional nas áreas de meio ambiente e

saúde.....*Doc.:IV.29*

*- Pareceres editoriais, consultorias, avaliações*

Ver seção Consultorias (página anterior), referente aos *Documentos IV.14 a IV.20*

*- TV Universitária*

Entrevista sobre “*O que é Geografia*”, gravada para a TV Universitária em 07/02/2008.....*Doc.:IV.29.1 (CD-ROM)*

Pela UNISA, gravei quatro programas no canal da TV Universitária, disponível em TV por assinatura, no módulo “Fala Mestre”. Assuntos tratados: escorregamentos de encosta, resíduos sólidos e fossa séptica.....*Doc.: não disponível*

*Docente Embaixador .....Doc.: IV.29.1.2*

Esta atividade de extensão tem como objetivo divulgar os programas de inclusão da USP (Inclusp e Pasusp) de modo a estimular os alunos do ensino médio da rede pública a prestar o vestibular da Fuvest, e mais, colocar a USP em seus planos de vida.

Escolas visitadas em agosto de 2011:

E.E. Asa Branca da Serra, dia 11 em Itapecerica da Serra (SP)  
 Colégio Estadual Porcino Rodrigues, dia 17 em Itapecerica da Serra (SP)  
 E.M.E.F. Profa. Marianinha de Queiroz, dia 19 em São Lourenço da Serra (SP)  
 E.E. Gov. André Franco Montoro, dia 19 em São Lourenço da Serra (SP)

Os relatórios das visitas entregues à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão podem ser consultados no *Doc.: IV.29.1.2.*

*- Coordenação de Eventos*

*XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, São Paulo, 04 a 09/09/2005.  
 Membro da Comissão executiva.....Doc.:IV.29.2*

*V Semana de Geografia do Unifieo. Osasco, 14 a 16/04/2003.....Doc.:IV.30*

*XV Semana Cultural do Unifieo. Osasco, 14 a 18/10/2002.....Doc.:IV.31*

*IV Semana de Geografia do Unifieo.Osasco, 02 a 04/05/2002.....Doc.:IV.32*

*Exposição “Os rios da Comissão Geográfica”, Unisa, 1998.....Doc.:IV.33*

## **V – PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS**

*Brazil – India Symposium –building knowledge networks.....Doc.:ivV*  
 Universidade de São Paulo – Campus da capital, 17-20/10/2012  
 Participação: ouvinte, a convite da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (USP)

*II Encontro Estadual de Geografia e Ensino e XX Semana de Geografia da  
 Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 24-27/10/2011*  
 Participação: palestrante, professor de mini-curso e comissão científica...*Doc.: iiiV*

*XXVII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PR)*  
 Londrina, 16 a 21/10/2011  
 Participação: convidado para fazer a Conferência de Abertura.....*Doc.: iiV*

*IX ENANPEGE, Goiânia, 08 a 12/10/2011*  
 Participação: Fórum de Coordenadores e lançamento de livro.....*Doc.: iV*

*Reunião dos Coordenadores de Programas de Pós-Graduação da Área de  
 Geografia. CAPES, Brasília (20 e 21/09/2011)*  
 Participação: convocação.....*Doc.: V*

*XIV Simp.Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Dourados, 11 a 16/07/2011*  
 Participação: conferencista convidado.....*Doc.: Vi*

*Ciclo de Palestras de Geografia*

Sociedade Síria de Geografia, Damasco, março e abril de 2011

Participação: palestrante convidado em 07/04/2011.....Doc.: Vii

*Palestra Especial de Integração Interunidades: Geografia Física IEE-USP (Les approches géographiques de l'énergie). USP-IEE, 26/04/2011*

Participação: mediador convidado.....Doc.:Viii

*Seminário da Pró-Reitoria de Pós Graduação da USP: "A USP pensa a Pós-Graduação". Águas de Lindoia, 26 a 29/09/2011*

Participação: convidado da Pró-Reitoria.....Doc.:Viv

*Reunião de Coordenadores da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia- Porto Alegre (RS), 25 a 31/07/2010 (Este evento ocorreu durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos)*

Participação: representante do Progr.de Geografia Física – USP.....Doc.:V.i

*Reunião de Coordenadores da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia- Aracaju (SE), 07 a 10/03/2010*

Participação: representante do Progr.de Geografia Física – USP.....Doc.:V.2

*III ENIEDUC - Encontro Interdisciplinar de Educação. Campo Mourão (PR), 10/11/2009*

Participação: convidado para a conferência de abertura do evento.....Doc.:V.3

*IV SEPEGE - Seminário de Pós Graduação em Geografia Física. São Paulo (USP), dez/2009*

Participação: conferencista convidado.....Doc.:V.4

*Livros Didáticos de Geografia. Porto Alegre, (UFRGS) 21/11/2009*

Participação: simposiasta.....Doc.:V.5

*IV EPOG - Encontro de Pós-Graduandos da FFLCH – USP, Nov/2009*

Participação: mediador de mesa.....Doc.:V.6

*VIII Encontro Nacional da ANPEGE, Curitiba (PR), 28/09 a 02/10/2009*

Participação: representante do Progr.de Geografia Física – USP, membro da Comissão Científica e Coordenador de Grupo de Trabalho.....Doc.:V.7 e V.8

*XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Viçosa (MG) julho/2009*

Participação: palestrante convidado, comissão científica e mini-curso.....Doc.:V.9

*I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico. Uberlândia (UFU), 27 a 30/04/ 2008*

Participação: conferencista convidado.....Doc.:V.10

*Colóquio "Natureza, Meio Ambiente e Geografia", Depto. Geografia da UFPR. Curitiba/2008*

Participação: conferencista convidado.....Doc.:V.11

- Ciclo de Palestras sobre Gestão da Água no México – Procam (USP), 26/11/07*  
Participação: debatedor.....Doc.:V.11.1
- VII Encontro Nacional da ANPEGE. Niterói, 24 a 27/09/2007*  
Participação: ouvinte e Fórum dos Coordenadores.....Doc.:V.12
- XII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Natal, 09 a 13/07/2007*  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.13
- XI Encuentro de Geógrafos de América Latina. Bogotá, 26 a 30/03/2007*  
Participação: Comunicação oral e relançamento de livro.....Doc.:V.14
- III Seminário de Pesquisa em Geografia Física. São Paulo (USP), 11 a 12/12/2006.*  
Participação: Membro da Comissão Científica e Coord. de Mesa.....Doc.: V.15
- III Semana de Saúde – São Lourenço da Serra – SP, 17/04/2006*  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.16
- Geografia Urbana de São Paulo – Difusão Cultural*  
Museu Paulista, São Paulo, 27/01/2006  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.17
- 35ª Semana de Estudos Geográficos da UNESP. Rio Claro, 21 a 25/11/2005*  
Participação: Palestrante convidado.....Doc.:V.18
- I Conferência Municipal de Cultura de Itapeverica da Serra, 18/11/2005*  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.19
- 13º Simpósio de Iniciação Científica da USP. S.Paulo, 07 a 09/11/2005*  
Participação: coordenador de trabalho.....Doc.:V.20
- 8º Congresso de Iniciação Científica da UNISA. São Paulo, 09/11/2005*  
Participação: palestrante convidado e comissão avaliadora.....Doc.:V.21
- XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. S.Paulo, 05 a 09/09/2005*  
Participação: comissão científica, palestrante, mesa redonda, coordenação de seção de trabalhos.....Doc.:V.22
- X Encontro de Geógrafos da América Latina. S.Paulo (USP), 20 a 25/03/2005*  
Participação: Coordenação de Monitoria, Coordenação de Seção de Lançamento de Livros.....Doc.:V.23
- II Seminário de Pesquisa em Geografia Física. S.Paulo (USP), 11 a 12/12/2004.*  
Participação: Membro da Comissão Científica e Coord. de Mesa.....Doc.V.24
- Seminário Internacional São Paulo: 450 anos. São Paulo (USP), 20 a 24/09/2004.*  
Participação: palestrante com publicação de artigo.....Doc.:V.25

- V Simpósio Nacional de Geomorfologia e I Encontro Sul-Americano de Geomorfologia.* Santa Maria – RS, 02 a 07/08/2004.  
Participação: palestrante com publicação de artigo.....Doc.:V.26
- VI Encontro Brasileiro de Geógrafos.* Goiânia, 18 a 23/07/2004.  
Participação: palestrante com publicação de artigo.....Doc.:V.27
- Seminário Zona Sul: estratégias e desenvolvimento.* São Paulo, 26 a 28/04/2004.  
Participação: palestrante convidado e coordenador de mesa.....Doc.:V.28
- I Seminário de Pesquisa em Geografia Física.* S. Paulo, 08 a 0/12/2003  
Participação: membro da comissão científica e coordenador de seção de apresentações.....Doc.:V.29
- XIV Semana de Geografia da PUC-SP.* São Paulo, 03 a 07/11/2003  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.30
- V Semana de Geografia do Unifieo.* Osasco, 14 a 16/04/2003  
Participação: comissão executiva e coord. das atividades.....(ver Doc.:IV.30)
- XV Semana Cultural do Unifieo.* Osasco, 14 a 18/10/2002  
Participação: comissão executiva e coord.das atividades.....(ver Doc.:IV.31)
- IV Semana de Geografia do Unifieo.*Osasco, 02 a 04/05/2002  
Participação: comissão executiva e coord.das atividades.....(ver Doc.:IV.32)
- SIMICH - Seminário Internacional Sobre Bacias Hidrográficas.*  
Rosário, Argentina, 8 a 12/10/2001.  
Participação: expoente de comunicação científica e painel.....Doc.:V.31
- II Taller Científico Internacional sobre Manejo de Cuencas Hidrográficas*  
Havana, Cuba, 09 a 13/04/2001.  
Participação: expoente de comunicação científica e painel.....Doc.:V.32
- I Seminário Nacional de Dirigentes e Coordenadores dos Cursos de Turismo e Hotelaria.* Bragança Paulista, 04 e 05 de novembro de 1999.....Doc.:V.33
- Seminário Meio Ambiente: Estrutura Operacional e Legal.*  
São Paulo, Auditório do CREA. 29/08 a 29/11/1998.  
Participação: palestrante convidado.....Doc.:V.34
- II Encontro Nacional de Turismo com Base Local.* Fortaleza/CE, 02 a 5/11/1998.  
Participação: comunicação livre.....Doc.:V.35
- 50ª Reunião Anual da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.*  
Natal/RN, 12 a 17/07/1998.  
Participação: comunicação livre.....Doc.:V.36

- XI Encontro Nacional de Geógrafos*. Vitória da Conquista/BA, 05 a 11/07/1998.  
Tipo de participação: comunicação livre e pôster.....*Doc.:V.37*
- Reunião Sobre Pesquisa Ambiental na Secretaria de Estado do Meio Ambiente*.  
São Paulo, 18 e 19/05/1998.  
Participação: ouvinte.....*Doc.:V.38*
- Cidades Sustentáveis - Simpósio Internacional*. São Paulo, 03 e 04/04/1998.  
Participação: ouvinte.....*Doc.: não disponível*
- I Semana de Geografia da Universidade Metodista de São Paulo*. São Bernardo  
do Campo, 06 e 07/11/1998.  
Participação: ouvinte.....*Doc.:V.39*
- VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e I Fórum Latino Americano  
de Geografia Física Aplicada*. Curitiba, 11 a 15/11/1997.  
Participação: congressista, comunicação livre, coord. de mesa.....*Doc.:V.40*
- I Encontro Nacional de Turismo com Base Local*. São Paulo, 29 a 30/04/1997.  
Participação: palestrante mesa redonda e mini-curso.....*Doc.:V.41*
- X Encontro Nacional de Geógrafos*. Recife, 14 a 19/07/1996.  
Participação: ouvinte.....*Doc.:V.42*
- XII Bienal Internacional do Livro*, como expositor da Livraria Francesa.  
São Paulo, agosto, 1994.....*Doc.: não disponível*.
- III Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente*. Londrina, 22-27/1991.  
Participação: ouvinte.....*Doc.:V.43*
- X Bienal Internacional do Livro*, como expositor da Livraria Francesa.  
São Paulo, agosto, 1990.....*Doc.: não disponível*.
- II Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente*. Florianópolis, 24 a  
29/09/1989.  
Participação: ouvinte.....*Doc.:V.44*
- IX Bienal Internacional do Livro*, como expositor da Livraria Francesa.  
São Paulo, agosto/1988.....*Doc.: não disponível*
- VII Encontro Nacional de Geógrafos*. Campo Grande, julho/1986.  
Participação: ouvinte.....*Doc.: não disponível*
- Simpósio "A Metrópole e a Crise"*. São Paulo, 11 a 14/03/1985.  
Tipo de participação: ouvinte.....*Doc.:V.45*
- VI Encontro Nacional de Geógrafos*. São Paulo, julho/1984.  
Participação: ouvinte.....*Doc.: não disponível*

Encontro Nacional de Estudantes de Geografia. São Luís, 17 a 22/07/1983.  
Participação: ouvinte.....Doc.:V.46

V Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, 17 a 23/07/1982.  
Participação: ouvinte e mini-curso.....Doc.:V.47

### **Palestras proferidas**

(apenas quando convidado, excetuando-se as mesas e comunicações de eventos, as quais já estão listadas no item Participação em Eventos)

*As categorias lugar, paisagem, território, região, sociedade e natureza no ensino e na pesquisa na Geografia Contemporânea.*  
Londrina (UEL), 17/10/2011.....Doc.:iiV

*O uso de Técnicas no Ensino-Aprendizagem e suas contribuições no Processo de Formação*  
Sorocaba (SP) Universidade Federal de São Carlos, 14/09/2011.....Doc.: V.47a

*Brasil: terra e povo*  
Damasco, Sociedade Síria de Geografia, 07/04/2011.....Doc.:V.47b

*A Importância do Ensino da Geografia Física*  
São Paulo, ETEC Parque da Juventude, 07/05/2010.....Doc.:V.48

*A Importância da Publicação Científica na Graduação*  
S. Paulo, DG-USP, a convite da revista *Paisagens*, 18/03/2009.....Doc.: V.48.1

*A Contribuição dos Estudos Geográficos à Gestão dos Recursos Naturais e à Solução de Conflitos Socioambientais*  
IV SEPEGE – Seminário de Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Geografia Física, DG-USP, 11/09/2009.....Doc.: V.48.2

*A Contribuição dos Estudos Geográficos à Gestão dos Recursos Naturais e à Solução de Conflitos Socioambientais*  
Uberlândia (UFU - XIII SBGFA) 27 a 30/04/2008.....(ver Doc.:V.10, embora esteja com título diferente)

*As técnicas na pesquisa geográfica.*  
Rio Claro (Unesp), 2008.....Doc.:V.49

*Natureza e Meio Ambiente na Geografia Física: Particularidades e Desafios*  
Curitiba (UFPR), 2008.....(ver Doc.:V.11)

- Uma visita ao tumultuado Oriente Médio. Ciclo de Palestras Viajando no Mapa*  
Promovido pelo Laboratório de Cartografia – DG- USP  
Em 21/09/2007.....Doc.: V.49.1
- Ensino de Geografia: uma análise crítica do livro didático*  
São Paulo, Universidade de Santo Amaro, 27/08/2007.....Doc.:V.50
- Meio ambiente e saúde. São Lourenço da Serra (SP). 17/04/06.....(ver Doc.:V.16)*
- Tristes Mananciais .Museu Paulista do Ipiranga. 27/01/2006.....(ver Doc.:V.17)*
- Transformações das cidades e a questão da água.*  
Unesp, (Depto. de Geografia) 25/11/2005.....(ver Doc.:V.18)
- Cultura e Meio Ambiente na construção da cidadania.*  
Itapeverica da Serra (Instituto Humanitas), 18/11/2005.....(ver Doc.:V.19)
- A importância do trabalho de campo em Geografia*  
São Paulo, Universidade de Santo Amaro, 09/11/2005.....(ver Doc.:V.21)
- As categorias região, lugar, paisagem e território na Geografia contemporânea.*  
Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 20/07/2004.....(ver Doc.:V.27)
- Zona Sul e os Mananciais.*  
São Paulo, Universidade de Santo Amaro, 27/04/2004.....(ver Doc.:V.28)
- O Trabalho de Campo e a Articulação das Categorias do Discurso Geográfico.*  
PUC - SP, 05/11/2003.....(ver Doc.:V.30)
- A Geomorfologia no Contexto da Ciência Geográfica.*  
Universidade Federal do Espírito Santo – ES. Vitória, 13/03/2002.....Doc.:V.51
- História e Geografia: identidades*  
UNISA - Universidade de Santo Amaro, 08/03/2001.....Doc.:V.52
- Meio Ambiente no Brasil: panoramas - auditório do CREA-SP*  
convite da Associação dos Engenheiros Agrônomos Paisagistas.  
Data: 29/08/1998, das 14:00h às 18:00h.....(ver Doc.:V.34)

## **VI – PUBLICAÇÕES**

---

### **Artigos completos publicados em periódicos**

- Le lien retrouvé*  
Revista Eletrônica Confins, v.6  
(<http://www.confins.revues.org/index5898.html>) 2009.....Doc.:VI.1



- Contribuição para o debate geográfico*  
Revista Ciência Hoje (SBPC), v.43, 2008.....Doc.:VI.2
- Recurso Natural: a construção de um conceito*  
São Paulo: Revista GEOUSP, v.20. p.9-18, 2006.....Doc.:VI.3
- Instituições públicas e privadas de ensino superior: a quem servem?*  
São Paulo, Boletim *Informa* da AGB, n.80, julho de 2002. 2p.....Doc.:VI.4
- Universidade Solidária: o Brasil visto por dentro*  
São Paulo: Revista GEOUSP, v.12. p.191-199, 2002.....Doc.:VI.5
- O Relevo como recurso imaterial.*  
Osasco: Revista UNIFIEO, n.1, ano 3. Junho de 2001.p.144-147.....Doc.:VI.6
- O IPTU como indicador de irregularidade na ocupação dos mananciais metropolitanos.*  
São Paulo: Revista GEOUSP, v..6. p.37-412. 1999.....Doc.:VI.7
- O Processo de pesquisa científica.*  
S.Paulo: Rev. de Ciências Humanas–UNISA, v.1,n.2. p.13-15, 1999.....Doc.:VI.8
- Geografia e Metodologia Científica - da problemática geral à especificidades da Geografia Física.* Em co-autoria com MENDONÇA, F.A. Curitiba: Revista GEOSUL, edição especial, outubro de 1998. 10p.....Doc.: não disponível

## **Livros publicados**

- Ensaio Geográficos*  
São Paulo: Editora Humanitas, 2008.....Doc.:VI.9
- Itapecerica da Serra: retratos de um município*  
Osasco: Edifício, 2005. 208p.....Doc.:VI.10

## **Capítulos de livros publicados**

- Escassez e conservação dos recursos naturais do planeta*  
In BUITONI, Marisia M.S. (org.) *Geografia – Ensino Fundamental*  
(Coleção Explorando o Ensino) p.227-252. (ISBN 9788577830466)  
Brasília: MEC – Secretaria da Educação Básica. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12314&Itemid=811](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12314&Itemid=811)
- A Técnica e a Observação na Pesquisa*  
In: VENTURI, L.A.B. *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*  
São Paulo: Editora Sarandi, 2011.....Doc.:VI.11

*Técnicas de Interlocução*

In: VENTURI, L.A.B. *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*  
São Paulo: Editora Sarandi, 2011.....Doc.:VI.11

*A Profissão do Geógrafo*

(Em co-autoria com Hélio Garcia Paes)

In: VENTURI, L.A.B. *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*  
São Paulo: Editora Sarandi, 2011.....Doc.:VI.11

*O Papel da Técnica no Processo de Produção Científica*

In: VENTURI, L.A.B. *Praticando Geografia – técnicas de campo e laboratório*  
São Paulo: Oficina de Textos, 2007. p.13-18.....Doc.:VI.12

*Tristes Mananciais In: As Geografias de São Paulo. v.2.*

São Paulo: Contexto, 2004. p.243-253.....Doc.:VI.13

**Livros organizados***Geografia – práticas de campo, laboratório e sala de aula*

São Paulo: Editora Sarandi, 2011. 528p. (ISBN 9788599018941)

<http://www.praticandogeografia.com.br/geografia> .....Doc.:VI.11

*Praticando Geografia – técnicas de campo e laboratório*

São Paulo: Oficina de Textos, 2005. 239p.....Doc.:VI.12

**Comunicações publicadas em anais de congressos***A questão Epistemológica na ciência Geográfica*

In Anais da XX Semana de Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

*O uso de técnicas e praticas no ensino-aprendizagem e suas contribuições no processo de formação*

In Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.

Dourados, 2011.....Doc.:VI.13

*Contribuição dos Estudos Geográficos à Gestão dos Recursos Naturais e à Solução dos Conflitos Socioambientais*

In Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.

Viçosa, 2009.....Doc.: VI.13a

*A Geografia serve, depois de tudo, para... ajudar a refazer a Terra*

In: Anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico

Uberlândia (UFU), 27 a 30/04/2008).....Doc.:VI.14

*A ausência de números na Geografia aproximando-a das ciências formais*

In: Anais do XI Encuentro de Geógrafos de América Latina.

Bogotá, 2007.....Doc.:VI.15

*Água e Matéria Bruta – apropriação e uso dos recursos naturais na interface urbano-rural da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)*  
Anais do XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.  
São Paulo, 2005.....Doc.:VI.16

*Os diferentes significados do relevo no ensino da Geomorfologia. (E outros)*  
Anais do V Simpósio Nacional de Geomorfologia. Santa Maria (RS): agosto de 2004. 10p.....Doc.:VI.17

*Unidades de Paisagem como Recurso Metodológico Aplicado em Geografia Física.* Anais do VI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.  
Curitiba, outubro, 1997. 8p (CD-ROM).....Doc.:VI.18

### **Resumos publicados em anais**

*La gestion de los recursos hidraulicos en el Estado de São Paulo - Brasil*  
In: GEOCUENCA - II Taller Científico Internacional sobre Manejo de Cuencas Hidrográficas, 2001, Havana- Cuba.....Doc.:VI.19

*Planejamento Municipal X Planejamento e Uso do Território.*  
Anais da 50ª Reunião Anual da SBPC. Natal, 1998. 1p. (resumo).....Doc.:VI.20

*Turismo, Paisagem e Ambiente: o viés do desenvolvimento sustentado*  
*II Enc.Nacional de Turismo com Base Local.* Fortaleza, 1998. 2p.....Doc.:VI.21

### **Artigos em jornal de notícias**

*Instituições públicas e privadas de ensino superior: a quem servem?*  
São Paulo: AGB Informa, n.80. o.20-21. 2002.....Doc.:VI.22

*O Processo de Pesquisa Científica: primeiros passos.*  
Osasco: Revista FIEO em foco, n. 43. 1998. 1p.....Doc.:VI.24

### *Artigos publicados no jornal Folha da Região Oeste*

*Nossa vital energia virtual (31/01/2008).....Doc.:VI.25*

*Nem aqui nem na China (18/01/2008).....Doc.:VI.26*

*Viva o lugar! (21/12/2008).....Doc.:VI.27*

*História em ruínas (03/12/2007).....Doc.:VI.28*

<i>O rio de janeiro continua... fluindo?</i> (15/01/2006).....	Doc.:VI.29
<i>Procuram-se heróis desesperadamente..</i> (30/09/2004).....	Doc.:VI.30
<i>O Jogo dos Sete Erros (ou acertos).</i> (30/042004).....	Doc.:VI.31
<i>Viva a mata viva!</i> (31/08/2003).....	Doc.:VI.32
<i>O arquipélago de Bras-ilha</i> (28/03/2003).....	Doc.:VI.33
<i>Itapecerica da Serra – uma breve história</i> (08/05/2000).....	Doc.:VI.34
<i>Como é difícil ser legal!</i> (01/11/2002).....	Doc.:VI.35
<i>Os desenfaixados e os esbulhados da high-tech</i> (28/02/2002).....	Doc.:VI.36
<i>Itapecerica – ocupação e uso do território</i> (15/01/2002).....	Doc.:VI.37
<i>Aconteceu... e não virou manchete!</i> (30/12/2001).....	Doc.:VI.38
<i>Paz na Serra (e os homens de boa vontade?)</i> (20/12/2001).....	Doc.:VI.39
<i>Que bom te verde novo!...</i> (30/11/2001).....	Doc.:VI.40
<i>Paradigma ou paradoxo?</i> (17/10/2001).....	Doc.:VI.41
<i>Migração non-stop</i> (30/09/2001).....	Doc.:VI.42
<i>O império abalado</i> (19/09/2001).....	Doc.:VI.43
<i>O roloanel</i> (31/08/2001).....	Doc.:VI.44
<i>O sobe-desce de Itapecerica da Serra</i> (15/08/2001).....	Doc.:VI.45
<i>Debulhar o tigre</i> (19/04/2001).....	Doc.:VI.46
<i>Jerusalém, além da guerra, aquém da paz</i> (15/10/2000).....	Doc.:VI.47
<i>Juventude Islâmica reúne-se em Itapecerica</i> (18/07/2000).....	Doc.:VI.48
<i>O êxodo da exposição</i> (15/06/2000).....	Doc.:VI.49
<i>Uma informação, por favor!</i> (30/04/2000).....	Doc.:VI.50
<i>Serra nostra</i> (31/03/2000).....	Doc.:VI.51
<i>O TAO da saúde</i> (17/03/2000).....	Doc.:VI.52
<i>Escolha sua fantasia!!</i> (29/02/2000).....	Doc.:VI.53

<i>FSI – Faculdades Serranas Integradas</i> (15/02/2000).....	<i>Doc.:VI.54</i>
<i>Sinal de trânsito</i> (31/01/2000).....	<i>Doc.:VI.55</i>
<i>Impostos a nós</i> (15/01/2000).....	<i>Doc.:VI.56</i>
<i>Com bug ou sem, feliz ano que vem!!</i> (30/12/1999).....	<i>Doc.:VI.57</i>
<i>O peru de natal... e o natal do peru</i> (15/12/1999).....	<i>Doc.:VI.58</i>
<i>A relativa pobreza absoluta</i> (30/11/1999).....	<i>Doc.:VI.59</i>
<i>O calendário dos afobados</i> (15/11/1999).....	<i>Doc.:VI.60</i>
<i>Igreja ou boteco?</i> (30/10/1999).....	<i>Doc.:VI.61</i>
<i>Rex, o rei da rua</i> (15/10/1999).....	<i>Doc.:VI.62</i>
<i>Casa limpa, rua suja...</i> (30/09/1999).....	<i>Doc.:VI.63</i>
<i>O lixo nosso de cada dia</i> (15/09/1999).....	<i>Doc.:VI.64</i>
<i>Metropolitana sim, vítima não</i> (31/08/1999).....	<i>Doc.:VI.65</i>
<i>A lógica do caos</i> (13/08/1999).....	<i>Doc.:VI.66</i>
<i>Duas décadas decisivas</i> (15/07/1999).....	<i>Doc.:VI.67</i>
<i>Sócio e biodiversidade</i> (25/06/1999).....	<i>Doc.:VI.68</i>
<i>Biodiversidade serrana</i> (10/06/1999).....	<i>Doc.:VI.69</i>
<i>Itapecerica (urbana) da Serra</i> (24/05/1999).....	<i>Doc.:VI.70</i>
<i>IDH</i> (08/05/1999).....	<i>Doc.:VI.71</i>
<i>Crescemos 238% em apenas vinte anos</i> (20/04/1999).....	<i>Doc.:VI.72</i>

### **Outras produções**

Tradução: <i>A Teoria da Paisagem na França: 1964 a 1994</i> . Yves Lacoste. São Paulo, Boletim Paulista de Geografia, n.78. 2003.....	<i>Doc.:VI.73</i>
<i>Editorial GEOUSP, n.19</i> (2006).....	<i>Doc.:VI.74</i>

Textos elaborados especialmente para as aulas de Geografia Física, Geomorfologia I e II e Geografia Política do Brasil, não publicados.....Docs.: VI.75

*Debutantes dubitantes – guia prático e emergencial para os que estão às voltas com projetos de pesquisa científica.* 27p.

Material produzido para as aulas de Iniciação à Pesquisa e TGI.....Doc.:VI.76

*Contribuição para o Debate Geográfico*

Revista Ciência Hoje, v.43, 2008.....Doc.:VI.76a

*Regimento da Comissão de Excursões Didáticas*.....Doc.:VI.76b

## **Manifestos**

*Manifesto 2011 (Depto. Geografia – USP)*.....Doc.:VI.76c

*O redespertar dos Gersons (Depto. Geografia- USP, 2011)*.....Doc.: VI.77

*Meu reino Encantado (Depto. Geografia – USP, 2009)*.....Doc.: VI.77a

*TGI - Obrigado!* São Paulo: AGB Informa, p.8-9. 2006.....Doc.:VI.77b

*Sede Feliz (Vale do rio São Francisco, 2002)*.....Doc.:VI.77.c

## **Projetos editoriais em andamento**

*Água no Oriente Médio contemporâneo: o fluxo da paz*

Resultado de pesquisa de pós-doutoramento

(livro, versões em português e em inglês).....Doc.:VI.78

Elaboração do livro *Geografia dos Recursos Naturais do Brasil*, resultante da Pesquisa RDIDP, do trabalho de extensão (PNLEM2007) e do planejamento da disciplina *Geografia dos Recursos Naturais*, oferecida anualmente.

Fase atual: sete dos dez capítulos concluídos.....(ver Doc.:III.1)

## **VII – PARECERES SOBRE MINHA ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

CERT – Comissão Especial de Regimes de Trabalho.....Doc.:VII.1

Professor Conselho Departamental.....Doc.:VII.2

Manifestações de alunos e outras.....Docs.:VII.3

Avaliação promovida pelo Centro Acadêmico.....	Doc.:VII.3.1
Homenagens.....	Doc.:VII.4

## VIII – OUTRAS INFORMAÇÕES

---

### **Línguas**

Português: língua materna

Francês: *Diplôme Approfondi de Langue Française - DALF C2*.....Doc.:VIII.1

Inglês: *Cambridge Proficiency in English – CPE 2*.....Doc.:VIII.2

Italiano: entendo bem, falo e escrevo razoavelmente.

Espanhol: entendo bem, falo e escrevo razoavelmente.

Árabe: entendo, falo e escrevo razoavelmente (nível básico).....Doc.:VIII.3

### **Concursos Públicos**

Universidade de São Paulo, em 2001, 2002, 2003 e 2008

Todos com aprovação em 1º lugar.....Doc.:VIII.8 (incompleto)

### **Associações**

*Membro da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros*

*Membro (Fellow) da Royal Geographical Society e do IBG*

*(Institute of British Geographers)*.....Doc.:VIII.8a

*Membro da Syrian Geographical Society*.....Doc.: VIII.8b

**Viagens Internacionais** (*Mission Capes-Cofecube e outras*).....Doc.:VIII.9